

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano

NARRATIVAS DE IDOSOS SOBRE A ESCOLA:
UMA LEITURA FREIREANA

Sorocaba/SP

2006

Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano

**NARRATIVAS DE IDOSOS SOBRE A ESCOLA:
UMA LEITURA FREIREANA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Cotidiano Escolar.

Orientador: Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota

Sorocaba/SP

2006

Ficha Catalográfica: Regina Célia F. Boaventura (Bibliotecária / Uniso)

Germano, Márcia Aparecida Luna Rodrigues
G323n Narrativas de idosos sobre a escola : uma leitura freireana /
Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano. -- Sorocaba, SP, 2006.
133 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2006.
Inclui bibliografias.

1. Velhice. 2. Idosos - Educação. 3. Velhice – Aspectos sociais.
I. Reigota, Marcos Antonio dos Santos, orient. II. Universidade de
Sorocaba. III. Título.

Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano

**NARRATIVAS DE IDOSOS SOBRE A ESCOLA:
UMA LEITURA FREIREANA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

Ass. _____

Presidente da Banca: Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota – Universidade de Sorocaba.

Ass. _____

1º Exam.: Dra. Eliete Jussara Nogueira – Universidade de Sorocaba.

Ass. _____

2º Exam.: Dra. Carla da Silva Santana – Universidade de São Paulo.

Sorocaba, agosto 2006.

Agradecimentos

A Deus, porque sem Ele nada eu poderia ter feito.

Em especial ao meu marido Paulo, pelo seu apoio, carinho, força, sua presença amiga e acolhedora sempre ao meu lado, contribuindo para que me mantivesse calma e tranqüila, favorecendo a construção deste estudo.

Pela minha família que sempre demonstrou muita confiança em mim.

Aos professores que foram fundamentais, fazendo parte da minha história e me ajudando a crescer profissional e intelectualmente.

Aos colegas de classe e aos meus amigos do grupo de estudos do Prof. Marcos Reigota, pelos incentivos e pelos momentos agradáveis que juntos passamos.

Também agradeço em especial ao professor Marcos Antônio dos Santos Reigota, que me incentivou muito, pela sua atenção para me ajudar, contribuindo com suas sugestões sempre sábias e oportunas e despertando em mim uma pesquisadora, que estava escondida, e que nem mesmo eu a conhecia.

Agradeço também as professoras doutoras Carla da Silva Santana e Eliete Jussara Nogueira pela participação como membros da banca examinadora, colaborando com sugestões pertinentes e contribuindo muito com este trabalho.

A todos, meu muito obrigado.

“Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a raso”.

Cora Coralina

“Eu quero os meus brinquedos novamente! Sou um pobre menino... acreditai...que envelheceu, um dia, de repente!...”

Mário Quintana

RESUMO

A pesquisa foi realizada com um grupo de oitos alunos com mais de 60 anos, sendo cinco mulheres e três homens, que freqüentam o Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba – UNISO, buscando identificar e analisar o cotidiano deles. Dessa forma nos perguntamos, o que aconteceu as pessoas que não tiveram escolaridade no período da vida considerado “regular”? Porque foram excluídos do direito de estudar? Quais são as causas que levaram esses idosos a procurarem a escola? As análises foram realizadas a partir do diálogo com diferentes autores: Paulo Freire (especificamente no que se refere aos conceitos de: leitura de mundo, sujeitos da história e educação escolar); Ecléa Bosi (1994), Simone de Beauvoir (1970), Anita Liberalesso Neri e Sueli Aparecida Freire (2000); para a análise de temas como: velhice, escola e dignidade. A metodologia empregada foi a das conversas do cotidiano (Menegon, 1999), identificando além das questões relacionadas com a escola, as questões de gênero, da opressão, migração e autoritarismo. Nosso objetivo foi procurar identificar como que através do processo educativo, o valor da existência, em que o idoso e a idosa buscam as soluções de seus problemas, para superar as barreiras que o envelhecimento acarreta. Como que eles e elas aprendendo a conhecer seus limites e potencialidades de leitura e de “leitura de mundo”, seus problemas e os da sua comunidade, apropriam-se de sua história e assim tomam decisões e fazem suas escolhas, tendo um envelhecimento com dignidade.

Palavras-chave: velhice, pedagogia freireana, escola e conversas do cotidiano.

ABSTRACT

The research was accomplished with a group of eight students with more than 60 years, being five women and three men, that frequent the Program of Literacy of Youths and Adults of the University of Sorocaba–UNISO, looking for to identify and to analyze the daily of them. In that way we did wonder, did happen what the people that didn't have education in the period of the life considered “to regulate?” Because they were excluded of the right of studying? Which are the causes that took those senior ones they seek her/it the school? The analyses were accomplished starting from the dialogue with different authors: Paulo Freire (specifically in what he/she refers to the concepts of: world reading, subject of the history and school education); Ecléa Bosi (1994), Simone de Beauvoir (1970), Anita Liberalesso Neri and Sueli Aparecida Freire (2000); for the analysis of themes as: elderly, school and dignity. The used methodology was the one of the chats of the daily (Menegon, 1999), identifying besides the subjects related with the school, the gender subjects, of the oppression, migration and authoritarianism. Our objective was to try to identify as that through the educational process, the value of the existence, in that the senior look for the solutions of your problems, to overcome the barriers that the aging carts. As that them learning how to know your limits and reading potentialities of “world reading”, your problems and the one of your community, appropriate of your history and they make like this decisions and they make your choices, tends an aging with dignity.

Keywords: elderly, freirean pedagogy, school and chats of the daily.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 UMA LEITURA FREIREANA	12
2 ENVELHECIMENTO.	21
3 A UNISO E O PROGRAMA SOROCABA E REGIÃO 100 ANALFABETOS.....	30
3.1 Programa de Alfabetização de Adultos.....	32
4 CONVERSAS DO COTIDIANO	36
4.1 Análise das Conversas.....	46
4.2 Percepções Pessoais das Conversas dos Alunos e Alunas.....	55
5 O LEGADO DA PEDAGOGIA FREIREANA AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ADULTOS.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE A - Entrevista realizada com Professor Aldo Vannucchi.....	77
APÊNDICE B - Entrevista realizada com Ana Maria Araújo Freire	92
ANEXO A - Ata de Constituição do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos	125
ANEXO B - Termo de parceria com as cidades	126
ANEXO C - Curso de preparação para professores voluntários	129
ANEXO D - Parceiros.....	130
ANEXO E - Mobral.....	133

INTRODUÇÃO

A dignidade de cada pessoa implica que ela contribua para a liberdade e para a dignidade dos outros. (CARTA DAS RESPONSABILIDADES HUMANAS, 2002, p. 11).

O tema desta pesquisa está relacionado à alfabetização de jovens e adultos, pelo trabalho que desempenho nessa área como Supervisora Pedagógica do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba, portanto, fazendo parte do meu dia a dia.

No decorrer do trabalho de supervisão, ao me relacionar com os educandos durante as visitas e acompanhamentos que realizo semanalmente, tenho observado alunos e alunas, o que cada um traz consigo, suas histórias de vida, jovens, idosos, moradores de rua, donas de casa, avós e avôs, gente que independentemente das dificuldades da vida, ainda sonha.

Diante desta vivência optamos por realizar esta pesquisa com alunos e alunas do “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos” da Uniso, buscando trazer um pouco do vivido e do cotidiano dessas pessoas.

Dessa forma nos perguntamos, o que aconteceu a essas pessoas que não tiveram escolaridade no período “regular”¹ da vida para isso? Porque foram excluídos do processo, do direito de estudar? Foi devido a problemas econômicos, culturais, sociais, pedagógicos, ou pessoais?

¹É considerado período regular dos 7 aos 14 anos, sendo obrigatório por lei.

Assim, as questões que nos fazemos são: Quais são as causas que levaram esses idosos e idosas a procurarem a escola? Foi uma imposição da vida cotidiana? Ou à vontade de realizar algo para si?

Essa pesquisa é uma tentativa de responder estas indagações ou nos aproximarmos de possíveis respostas.

As análises aqui feitas foram realizadas a partir do diálogo com diferentes autores e de conversas participativas com registros das falas dos alunos e alunas, durante o acompanhamento da classe, durante três semanas.

Decidimos realizar as conversas com oito alunos (sendo cinco mulheres e três homens), com idade superior a sessenta anos. Essa escolha foi porque estes alunos eram os que freqüentavam regularmente as aulas, outros idosos e idosas, na época dos encontros, estavam com problemas de saúde e familiares, então a freqüência não era regular. Tivemos três encontros, sendo na própria sala de aula e durante as visitas semanais que realizamos para acompanhar o processo pedagógico. Nessas visitas sentávamos com os alunos e íamos conversando, ou seja, batendo papo; sobre assuntos das aulas e das professoras, também assuntos do dia a dia, dos filhos, dos netos, da vida, e às vezes como em uma conversa natural, fazíamos perguntas: Porque voltaram a estudar? O que esperam? Porque não estudaram quando crianças? Durante essas conversas foram observadas suas necessidades, seus desejos, seus sonhos, e depois do término das conversas, em outro ambiente fora da sala de aula, anotávamos todas aquelas conversas.

Neste trabalho o primeiro capítulo procura refletir a pedagogia freireana, porque quando falamos em educação de adultos o nome de Paulo Freire vem associado. Freire

foi aquele que deu ouvido, voz e vez às camadas populares, que mostrou que era, e é possível, uma educação libertadora, tornando a Pedagogia do Oprimido (1987) um caminho a ser seguido quando se trata daqueles que sentem-se fora de um processo que assegure a todos direitos sociais iguais.

Através de vários estudos e livros de Paulo Freire buscamos relacionar conceitos da pedagogia freireana, especificamente no que se refere aos conceitos de: leitura de mundo, sujeitos da história e educação escolar, estando atentos à sua afirmativa:

[...] uma reflexão sobre educação implica, necessariamente, uma reflexão sobre o ser humano, sobre o homem e sobre a mulher...que por sua vez, não podem ser vistos como seres abstratos, como entidades em si mesmas, mas devem ser vistos como seres históricos, também e, sobretudo, como seres sociais. (FREIRE, 2003, p.81).

No segundo capítulo pretendemos realizar uma análise baseada em Ecléa Bosi no seu livro Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos (1994), A velhice – A Realidade Incômoda de Simone de Beauvoir (1970), E Por Falar em Boa Velhice de Anita Liberalesso Neri e Sueli Aparecida Freire (2000), enfocando a respeito de assuntos como: escola, resgate de autonomia, tomada de decisões, cidadania, envelhecimento, respeito, dignidade e sujeitos da história.

No terceiro capítulo trazemos histórico e dados do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da Uniso.

No quarto capítulo analisaremos as conversas do cotidiano com oitos alunos e alunas com mais de 60 anos de idade (alunos de uma classe de alfabetização do programa de educação de jovens e adultos da Uniso) procurando identificar as causas que levaram as pessoas desse grupo a deixarem de estudar no tempo de sua infância e juventude, e fazendo-o agora na velhice, o porque desse interesse pelos estudos, o que

buscam, o que esperam, traçando um paralelo com a leitura de mundo dos alunos e alunas; e percepções pessoais sobre as conversas dos alunos e alunas com fragmentos das entrevistas, sendo a primeira realizada com o Professor e Reitor da Universidade de Sorocaba Aldo Vannucchi, e a outra com a Professora Ana Maria Araújo Freire, segunda esposa e companheira de Paulo Freire.

No quinto e último capítulo trazemos a Memória de Paulo Freire, o que ficou do seu pensamento nos dias de hoje, qual o legado de Paulo Freire para as gerações futuras e para a alfabetização de adultos. Essas entrevistas nos ajudam a esclarecer muito do que Paulo Freire vivenciou, através de pessoas que conviveram muito próximas a ele e trouxeram um pouco do homem Paulo Freire, não apenas o mito, mas o homem simples, também com limitações, mas acima de tudo alguém que viveu na prática a sua teoria.

Concluimos este estudo ressaltando nossa posição de observadores, o qual outros estudos poderão contribuir sobre questões a respeito dos idosos e idosas neste início do século XXI, devido ao aumento considerável da expectativa de vida dos idosos nos últimos anos.

Nossa meta através desta dissertação é estimular as pessoas idosas a conquistarem e a preservarem o seu lugar na sociedade, que possam refletir e desenvolver uma postura crítica no sentido de “[...] escrever a sua vida, o de ler a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos” (FREIRE, 1997, p. 39).

1 PAULO FREIRE: LEITURA DE MUNDO E SUJEITOS DA HISTÓRIA

A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. (FREIRE, 1979, p. 40).

Neste capítulo, destacamos na obra de Paulo Freire como ele define “leitura de mundo” e “leitura da palavra”, “sujeitos da história” e “educação escolar”, por estarem esses conceitos, ligados diretamente aos alunos e alunas deste estudo:

O homem e a mulher estabelecem relações com a realidade e, através delas passa a ser sujeito, se integrando, respondendo aos desafios: “a resposta que o homem dá a um desafio não muda só a realidade com a qual se confronta: a resposta muda o próprio homem, cada vez um pouco mais, e sempre de modo diferente”. (FREIRE, 1979, p. 37).

Nesse sentido, uma reflexão sobre estes conceitos, envolvendo essa população, torna-se imprescindível que analisemos a educação de adultos como uma apropriação da leitura e da escrita representando uma possibilidade de um despertar crítico, proporcionando-lhe uma nova maneira de ler o mundo e de atuar nele, como cidadão ou cidadã plenos:

Durkheim nos mostra o peso da sociedade sobre os indivíduos, aponta que a consciência individual é dada pela preponderância de uma consciência coletiva, que os indivíduos não pensam com sua própria cabeça. Marx, por sua vez, mostra que isso não é assim simplesmente porque qualquer sociedade de homens deve necessariamente ser exterior e coercitiva sobre os indivíduos. Ele mostra que o caráter coercitivo, dominador, não se manifesta igualmente por parte “da sociedade em geral” sobre todos os homens indistintamente, mas sim uma parte da sociedade sobre outra, ou melhor, de uma classe social que assume o papel de dominante sobre as outras, que se tornam dominadas. (RODRIGUES, 2002, p. 43).

Reconhecer para o sujeito a possibilidade da ação, mas também a crítica que leva a capacidade de decidir sobre a ação e buscar a transformação para conhecer e assim agir:

Os sujeitos da ação estão ausentes daquele nível da sociedade em que são objetivamente determinadas as suas ações. O sujeito de fato não existe. O que chamamos de ação, para Bourdieu, é na verdade o processo pelo qual as estruturas se reproduzem. O sujeito está simplesmente submetido aos desígnios da sociedade, faz o que suas estruturas determinam, não sabe disso e ainda é iludido pelos discursos dominantes que o fazem pensar que sua ação é resultante de vontade própria. (RODRIGUES, 2002, p. 84-85).

Reconhecer para o sujeito a possibilidade da ação, mas também a crítica social que leva a capacidade de decidir sobre a ação e buscar a transformação ao conhecer:

Para Habermas o conhecimento instrumental permite ao homem satisfazer as suas necessidades ajudando-o a libertar-se da natureza exterior (por meio da produção); o conhecimento comunicativo o impele a emancipar-se de todas as formas de repressão social (ou de seus representantes intrapsíquicos). Ambos estão, portanto, a serviço da emancipação. Esta é ao mesmo tempo um fim em si e um marco dentro do qual a teoria crítica consegue perceber as demais ciências, e a si própria, como interessadas. [...] Pois somente através da crítica, compreendida como auto-reflexão e autoquestionamento, é que os momentos reprimidos, ocultos, distorcidos pelo processo histórico do conhecimento, podem ser recuperados, reelaborados e conscientizados, permitindo redescobrir o interesse fundamental, o da emancipação. (FREITAG; ROUANET, 1993, p. 13).

Cada pessoa acumula experiências ao longo de sua vida, e ela é construída na relação com o outro. As questões e situações apresentadas por este outro, provocam diversas reações de acordo com cada um, com sua história de vida, enfrentando problemas, superando adversidades, enfim vivendo os acontecimentos de sua vida; a capacidade de decidir e nossa personalidade são construídas por convenções sociais e normas que exercem um forte poder sobre nossos desejos pessoais.

Mesmo influenciados pelas circunstâncias ao nosso redor, somos dotados de consciência. Aprender consiste em questionar, criticar, e refletir sobre tudo o que nos é

oferecido e apresentado. Podemos comparar, ajuizar, escolher, somos capazes de decidir, e por isso mesmo, podemos ir além de nós mesmos:

A partir de uma concepção dialética da história, de acordo com a lógica dos processos sócio-históricos e da interação como princípio fundante das relações sociais, nos termos da concepção bakhtiniana, o homem age sobre o meio ao mesmo tempo em que sofre a influência desse meio, tendo a linguagem como elemento mediador e a história como “cenário” de realizações, sendo ela própria elemento e também produto dessa interação. (NASCIMENTO, 2006, p. 41).

Através da linguagem agimos uns sobre os outros, por isso a importância das palavras geradoras do universo vocabular do educando, para que juntos compreendam o contexto sócio-histórico na qual estão inseridos, para que através dos questionamentos, ocorram ações que resultem em transformações na própria comunidade:

Muitas professoras sabem que há diferentes modos de tecer/criar conhecimentos; trançam-se conhecimentos na escola, mas também fora da escola, nos encontros e desencontros, no trabalho, nas brincadeiras, nas relações quer dentro e fora da escola cada um vive. E cada um de nós puxa os fios dessa imensa rede e vai tecendo, à sua moda, seu tapete de significações e significados, pois cada uma de nós é única, ainda que alguns tentem prender-nos em suas classificações, sempre redutoras da complexidade e riqueza de cada eu e de cada nós. (ALVES, OLIVEIRA, 2001, p. 101).

Portanto, para começarmos a reflexão proposta, indagamos: Qual o sentido da educação? Na educação é que assumimos que somos seres capazes de saber, conforme Freire (1992, p. 91)) “se fazem e se refazem”. Nesse caminhar, fazemos igualmente a história, pois: “É percebendo e vivendo a história como possibilidade que experimento plenamente a capacidade de comparar, de ajuizar, de escolher, de decidir, de romper” (FREIRE, 2000, p. 57).

Por isso, quando refletimos sobre educação, estamos também falando de uma reflexão sobre homens e mulheres porque:

[...] a única forma que eu tenho de fazer amanhã o que hoje é impossível, é fazer hoje o possível de hoje. Quer dizer você só prevê na medida em que faz o amanhã, na transformação do hoje, e a transformação do hoje dá o conhecimento dele. (FREIRE, 2003, p. 58).

Nesse sentido, a educação não é um meio de dominar os padrões acadêmicos de escolarização, mas sim a necessidade de estimular o povo a participar de seu próprio processo social, ou seja, a “educação como ato político” (FREIRE, 1980-81, p. 81), para aqueles que desvalorizados socialmente, vivem “proibidos de ser” (FREIRE, 1987, p. 43), de ter, de sonhar, de saber.

Para Freire a educação de adultos deve se fundamentar na consciência da realidade da cotidianidade vivida pelos alfabetizandos, o aluno além de se conhecer deve conhecer também os problemas sociais que o cercam. Essa abordagem deve ser direcionada ao aluno, enfatizando a discussão, o diálogo, a comunicação, respeitando o conhecimento do aluno e sua capacidade de assumir a sua própria aprendizagem.

Partir do cotidiano do educando, do que ele já conhece, respeitando o senso comum, negando as simples repetições de palavras. Em uma prática educativa conservadora, ao ensinar os conteúdos, não se leva em conta à razão de ser de inúmeros problemas sociais, mas em uma prática educativa progressista, procura-se descobrir a razão de ser daqueles problemas, desafiando educandos e educadores na busca de soluções.

O conhecimento deve ser construído de forma integradora e interativa. Não é algo pronto a ser apenas apropriado, como sustenta a “educação bancária”. Conhecer é descobrir e construir.

De acordo com Freire a "Educação Bancária" consistia em que o professor depositava os conteúdos aos alunos, e esses passivamente os recebiam, sem questioná-los ou problematizá-los:

E porque os homens, nesta visão, ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados para a concepção "bancária", tanto mais "educados, porque adequados ao mundo. (FREIRE, 1987, p. 63).

Para ele alfabetizar não é apenas depositar palavras no educando, onde somente o professor sabe, e ao aluno cabe apenas acatar aquilo que lhe foi dito sem ao menos fazer uma reflexão, é preciso uma educação problematizadora que não seja imposta, que seja criativa e leve os alunos a refletirem, sendo o professor também um aprendiz. Nesse sentido o aluno começa também a ser um participante de seu conhecimento e não apenas um receptor sem direito a escolhas e decisões. A esse momento em que o educando se encontra como fazendo parte também de seu conhecimento, Freire denomina "conscientização":

Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. (FREIRE, 1980, p.25).

Porém, o discurso da impossibilidade de mudar o mundo é de quem aceitou como certo, o socialmente estabelecido, ou seja, a acomodação. Como nos diz Freire (2000, p. 40) "A acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança". Portanto, participar das discussões em torno de um projeto diferente de mundo não apenas um direito das classes dominantes é também, e deveria ser, sempre um direito das classes populares.

A educação jamais é neutra, tanto pode estar a serviço da transformação do mundo, da decisão, quanto da acomodação. É preciso defender a capacidade do ser humano de avaliar, de decidir, de romper, de comparar, de escolher de decidir e, sobretudo de intervir no mundo:

É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Com subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (FREIRE, 2000, p. 79).

E essa história vivenciada que o espaço de sala de aula viabiliza, criando e recriando situações que permitem a possibilidade de refletir e discutir, analisar, escolher com clareza os caminhos a serem trilhados. E nesses caminhos encontram-se situações, relacionamentos, desafios a serem superados:

Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado, Daí que eu tenha falado antes no “parentesco” entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental do modo como nos experimentamos em cada momento. (FREIRE, 1992, p. 28).

Portanto, a escola como sua função maior deve propiciar ao aluno a pensar e a questionar. A ação de perguntar exige o movimento de pensar. Quando o educando questiona, está possibilitando ao professor um exercício reflexivo: quando este professor busca uma forma de esclarecer a questão, também está pensando, está reformulando o seu conceito e, conseqüentemente está aproximando-se do seu aluno, ambos estão fazendo parte do processo de conhecimento do outro:

Acho que o papel de um educador conscientemente progressista é testemunhar a seus alunos, constantemente, sua competência, sua amorosidade, sua clareza política, a coerência entre o que diz e o que faz, sua tolerância, isto é, sua capacidade de conviver com os diferentes, para lutar com os antagônicos. É

estimular a dúvida, a crítica, a curiosidade, a pergunta, o gosto do risco, a aventura de criar. (FREIRE, 1991, p. 54).

Nesse ato pedagógico, o educador e o educando se encontram no mesmo processo comum de conhecer; o que ensina, o por ele já sabido, reconstrói o seu saber diante do que aprende algo por ele não conhecido, aproximando o educando à compreensão mais profunda da linguagem, da suas dificuldades, para superá-las.

Mesmo quando o professor não consegue naquele momento uma forma de se fazer claro, terá a oportunidade de pesquisar e trazer mais informações na aula seguinte, essa atitude intensifica o relacionamento de educando e educador, e ambos percebem o seu inacabamento, pois:

Educador e educando (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram na tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. (FREIRE, 1987, p. 56).

Ao valorizar aquilo que o aluno já sabe, ocorre uma troca dialética entre educador e educando, porque no momento em que o aluno se percebe como parte de seu próprio conhecimento e ao refletir criticamente na busca de uma sociedade que respeite a individualidade, ou seja, através de uma aprendizagem libertadora, que proporcione autonomia e o direito da ação de ler a palavra lendo o mundo:

Por isso é que a alfabetização, em sendo o processo de aprendizagem da leitura da palavra, parte da leitura do mundo e volta à leitura do mundo. Voltar à leitura do mundo, portanto reler o mundo depois de ter lido a palavra, pode significar uma aproximação mais rigorosa da compreensão de cidadania. (FREIRE, 2001, 134).

Freire (1992, p. 44), nos diz ainda que: “a leitura e a escrita da palavra implicam uma re-leitura mais crítica do mundo como ‘caminho’ para ‘reescrevê-lo’, quer dizer transformá-lo”. Portanto, é atuando no mundo que nos fazemos, pois é apreendendo a

razão de ser do objeto, que eu produzo o conhecimento. Sendo assim, é necessário constatar para mudar, e não para nos acomodar:

[...] o ser humano sabe na medida em que está vivo e, na medida em que estando vivo, trabalha, mesmo que o seu trabalho seja procurar trabalho! É a prática de fazer algo, ou de procurar fazer, que se dá numa esfera que não é individual, mas social, que nos leva a conhecer algo. (FREIRE, 2002, p. 71).

A constatação crítica e rigorosa dos fatos nos desafia a abrir espaços no sentido da possibilidade de intervir no mundo. O passo fundamental no processo de despertar para a consciência crítica ocorre quando começamos a conhecer-nos e a reconhecermos nossa própria dignidade.

A aprendizagem torna-se uma tomada de consciência do real e, só pode acontecer pela conscientização, pois em se reconhecendo o mundo, a natureza e a cultura, é que o homem os transforma e cria sua cultura, pois “[...] a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo”. (FREIRE, 1979, p. 26).

“O ato de alfabetizar em Paulo tem como intenção maior possibilitar fazer de seres menos, seres mais, ao possibilitar que analfabetos e analfabetas resgatem a sua humanidade roubada”. (FREIRE, 2006, p. 25).

Alfabetizar-se, portanto significa aprender a ler o mundo antes de ler a palavra; compreender que a educação é um ato político ao se posicionar criticamente na leitura vivenciada da realidade em atos que mostram que a educação não é neutra, e sim parte da construção na história de cada um num processo libertador. Sendo assim:

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo.

Aquela em que sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem. (FREIRE: 1982, p. 49).

É preciso analisar a própria vida, os problemas que atingem diretamente o cotidiano e de como é possível modificá-lo:

É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites. (FREIRE, 2000, p. 39).

Freire pautou sua obra por uma pedagogia centrada na liberdade e na autonomia. Ao avaliar que o processo do conhecimento acontece quando o indivíduo, ao se reconhecer humano, é estimulado a refletir sobre os seus problemas na vida cotidiana, Freire foi um grande incentivador para que cada pessoa reconquistasse os seus direitos, via apropriação da palavra, da leitura e da escrita. Ler o mundo, lendo a palavra, surge como uma esperança para que homens e mulheres sejam capazes de assumir para si o comando de suas decisões, realizações, sonhos, esperanças, enfim do poder sobre sua própria vida. “É isso que sempre defendi, é por isso que sempre me bati por uma alfabetização que, conhecendo a natureza social da aquisição da linguagem, jamais a dicotomize do processo político da luta pela cidadania”. (FREIRE, 1992, p. 199).

Dentro desse contexto, abordaremos no próximo capítulo assuntos relacionados aos idosos, enfatizando aspectos do envelhecimento.

2 ENVELHECIMENTO

ENVELHECER

Antes, todos os caminhos iam.

Agora todos os caminhos vêm.

A casa é acolhedora, os livros poucos.

E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

(QUINTANA, 2000, p. 115).

Neste capítulo procuraremos demonstrar a importância da história individual na construção da cultura social, e o valor do idoso na sociedade que através de seus conhecimentos e experiências contribuem para a preservação da memória.

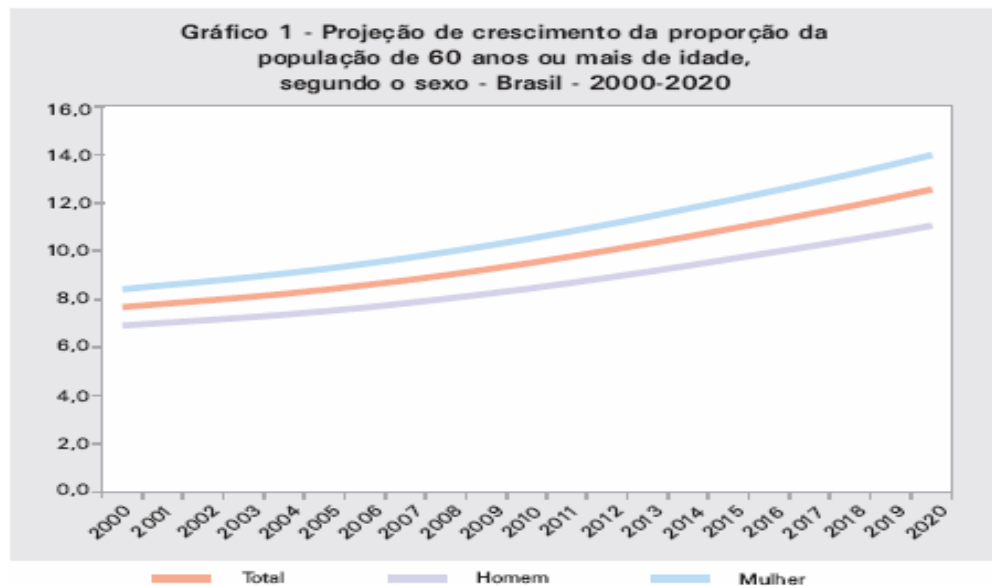
Mas, o que é ser idoso? O que é ser velho no Brasil?

No Brasil atualmente são quase 15 milhões de pessoas. Notamos que a questão do idoso tem sido alvo de atenções devido à promulgação, em 4 de janeiro de 1994, da Lei no 8.842, que dispõe sobre a política nacional para o idoso. Na referida lei, a política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Em maio de 2002, o governo federal instituiu o Programa Nacional de Direitos Humanos que considera como público-alvo todos os grupos populacionais específicos passíveis de discriminação, entre os quais, o grupo de pessoas idosas. (IBGE, acesso em: 12 jul. 2006).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo 2000 (IBGE, acesso em: 16 jan. 2006), o instituto considera idosas as pessoas

com 60 anos ou mais, mesmo limite de idade considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para os países em desenvolvimento. Em uma década, o número de idosos no Brasil cresceu 17%, em 1991, ele correspondia a 7,3% da população. Aproximadamente metade desta população encontra-se na região Sudeste, sendo que somente o estado de São Paulo concentra cerca de 3,2 milhões de pessoas com mais de 60 anos (SERASA, acesso em: 16 jan. 2006).

As estimativas para os próximos 20 anos indicam que a população idosa poderá exceder 30 milhões de pessoas ao final deste período, chegando a representar quase 13% da população, conforme o gráfico abaixo:

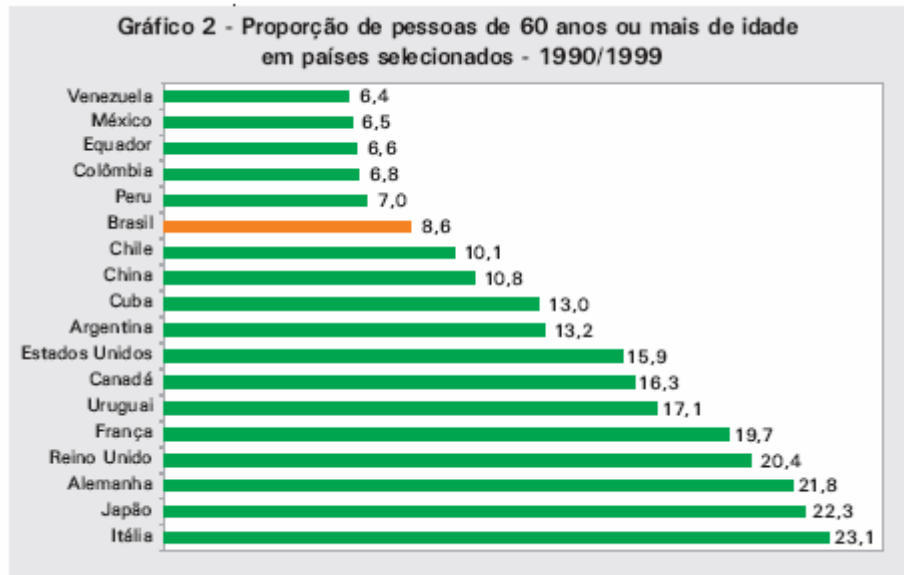


Projeto IBGE/Fundo de População das Nações Unidas UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08), Sistema Integrado de Projeções e Estimativas Populacionais e Indicadores Sociodemográficos, Projeção preliminar da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2000.

A análise da evolução da relação idoso/criança mostra que a proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças: de 15,9% em 1980, passou para 21,0% em 1991, e atingiu 28,9%, em 2000. Em outras palavras, se em 1980 existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, 20 anos depois essa relação praticamente dobra, passando para quase 30 idosos em cada 100 crianças. Assim, embora a fecundidade ainda seja a principal componente da dinâmica demográfica brasileira, em relação à população idosa é a longevidade que vem progressivamente definindo seus traços de evolução. (IBGE, acesso em: 12 jul. 2006).

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e está ocorrendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1 900 milhão de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade (ANDREWS, 2000, p. 247).

De modo geral, vem se observando um crescimento da população de idosos de forma mais acentuada nos países em desenvolvimento, embora este contingente ainda seja proporcionalmente bem inferior ao encontrado nos países desenvolvidos. As populações européias apresentam, caracteristicamente, proporções mais elevadas, com os idosos representando algo em torno de 1/5 da população de seus países, conforme o gráfico a seguir:



Fontes: Demographic yearbook 1999. New York: United Nations, 1999; IBGE, Censo Demográfico 2000.

Nesse sentido, mais recentemente o poder público brasileiro sancionou no ano de 2003, o Estatuto do Idoso (DIREITO DO IDOSO, acesso em: 29 nov. 2005), como forma de garantir direitos para essa população. Entre alguns dos direitos assegurados aos idosos gostaríamos de destacar:

Art. 1º Fica instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e **seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.**

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a **efetivação dos direitos referentes à vida**, à saúde, à alimentação, **à educação**, à cultura, ao esporte, ao lazer,

ao trabalho, à **cidadania**, à **liberdade**, à **dignidade**, ao **respeito** e à convivência familiar e comunitária.

Com o crescimento da população idosa, torna-se necessário conhecermos as dificuldades que grande parcela dessa população enfrenta e ao preconceito quando ao referirmos sobre a velhice, seja considerado como algo ruim ou negativo:

[...] o envelhecimento e a velhice estão vinculados à idéia de incapacidade. Mesmo na presença de evidências de que a incapacidade não é inevitável, e de que, ao contrário, muitos velhos podem manter altos padrões de desempenho físico e cognitivo, é muito comum negar empregos ou despedir trabalhadores sob a alegação de que não estão mais capacitados para fazer o que é esperado porque estão velhos demais, ou seja, incapacitados demais. (NERI, FREIRE, 2000, p. 8-9).

Velho (a), maduro (a), idoso (a), terceira idade, melhor idade, idade madura, idade da sabedoria, velhote, velhinho (a), antigo (a), são variados os termos aplicados a essa população:

O que se quer dizer é que o objetivo subjacente à adoção de tantos termos e expressões é apenas soar bem, mascarando o preconceito e negando a realidade. Se não houvesse preconceito não seria, não seria necessário disfarçar nada por meio de palavras. Se as palavras parecem assumir conotação negativa ou pejorativa, o problema não está nelas, mas nas razões pelas quais elas tiveram seu significado modificado. Se as várias realidades da velhice e do processo do envelhecimento fossem bem conhecidas, não seria necessário temê-las, evitá-las ou negá-las. [...] Por esses motivos, é melhor utilizar as palavras “velho” ou “idoso” para designar pessoas idosas, “velhice” para falar da última fase do ciclo vital, e “envelhecimento” para tratar do processo de mudanças físicas, psicológicas e sociais. (NERI, FREIRE, 2000, p. 14).

Existem muitos termos para designar essa fase da vida, a velhice é um processo que ocorre em cada pessoa, mas condicionado a fatores sociais, culturais e históricos; e diante do crescimento dessa população, é importante respeitar e valorizar esta etapa do desenvolvimento humano, como todas as outras fases da vida:

A velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, que é

envelhecer? Esta idéia se acha ligada à de transformação. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, constitui uma incessante transformação. Seremos levados a concluir, como o fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? Certamente não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. (BEAUVOIR, 1970, p. 15).

Nos países orientais o idoso é considerado um depositário de conhecimentos que merecem e devem ser repassados às gerações futuras. Já nos países ocidentais impera que somente aqueles que produzem são considerados sujeitos economicamente ativos, sendo comum associar o envelhecimento com a saída da vida produtiva pela via da aposentadoria:

Têm obrigação de dar exemplo de todas as virtudes. Acima de tudo, deles se exige serenidade: afirma-se que a possuem e isto autoriza um desinteresse pelo seu infortúnio. A imagem sublimada que de si mesmos lhes é proposta apresenta-os como sábios aureolados de cabelos brancos, dotados de rica experiência, veneráveis pairando muito acima da condição humana; decaem quando fogem a esta imagem: a que se lhe opõe é a do velho caduco e gagá, objeto de mofa por parte das crianças. (BEAUVOIR, 1970, p. 8).

Alguns idosos ainda enfrentam muitos preconceitos, até mesmo de seus familiares, a velhice assusta, gera incertezas, insegurança, o medo de depender de um filho (a) de alguém. As novas gerações na busca de sucesso profissional e pessoal acabam negligenciando as gerações mais velhas. Se por um lado à medicina garante a capacidade das pessoas viverem mais, por outro lado alguns aspectos como o respeito aos idosos não é uma cena comum e vivenciada por todos. A qualidade de vida não está resumida em sentir-se bem fisicamente, mas antes de tudo é preciso dignidade. Hoje vemos também muitos idosos e idosas que sustentam filhos e netos, com o salário de sua aposentadoria, mesmo sendo pouco, e muitos ainda ajudam nas tarefas domésticas, muitos idosos e idosas também têm freqüentado Faculdades da Terceira Idade, clubes e associações reivindicando direitos de um envelhecimento bem sucedido

nos aspectos físicos e psicológicos, “[...] especialmente hoje, quando se sabe que velhice não implica necessariamente doença e afastamento, que o idoso tem potencial para mudança e muitas reservas inexploradas” (FREIRE, 2000, p. 22).

A necessidade de ter políticas sociais dirigidas a essa classe social nos revela que nem todos ainda têm seus direitos assegurados e nos revela a necessidade de que todos, sem exceção, possam estar usufruindo direitos, já assegurados pelo Estatuto do Idoso, pois:

Como deveria ser uma sociedade para que na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta a esse questionamento não poderia ser outra: “Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem. (BOSI, 1994, p. 81).

Porém ainda impera uma sociedade capitalista com uma visão imediatista das coisas, onde impera o valor de um ser humano enquanto força de trabalho, em detrimento das relações humanas. A cada dia o conceito de continuidade é cada vez mais esquecido em uma sociedade que é seduzida pelo hoje e agora; muitos idosos e idosas são abandonados pelos seus familiares, sendo considerados um fardo:

O idoso é uma pessoa adulta, responsável por seus atos e, como tal, tem direitos adquiridos sobre sua própria vida; portanto, não há necessidade de decidir por ele o que ele deve ou não fazer. Retirar-lhe a responsabilidade por suas decisões significa tratá-lo como incapaz. (ERBOLATO, 2000, p. 50).

Ao envelhecer as pessoas são confrontadas a novos desafios que a vida moderna lhes impõe, e os idosos e idosas do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos sentem-se desafiados a percorrer esse novo caminho através de suas escolhas pela educação:

A educação, portanto é um dos meios para vencer os desafios impostos aos idosos pela idade e pela sociedade, propiciando-lhes o aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades para buscar seu bem-estar físico e emocional. Os programas educacionais para idosos vêm procurando atender a essas

necessidades, trabalhando com diversos procedimentos pedagógicos, a fim de despertar a consciência crítica para a busca do envelhecimento bem-sucedido. (SANTOS, SÁ, 2000, p. 93).

É importante o diálogo entre as gerações, entre os familiares, entre o educador e o educando, pois através da conversa, o idoso, a idosa; podem se expressar e passar aquilo que já viveram, e isso pode ser um momento enriquecedor para todos. Relembrar e refletir sobre o passado é um importante exercício para o autoconhecimento. A prática de relembrar pode contribuir para fortalecer ou restituir o senso de identidade e auto-estima. A relação estreita entre memória e trabalho e a constatação de que a função social da velhice, nem sempre é reconhecida, não se pode perder, pois enquanto lembram, eles ainda fazem.

A capacidade de manter o passado vivido é um dos mecanismos que as pessoas idosas encontram para manter a sua integridade psicológica: “Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranqüilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (BOSI, 1994, p. 82).

RECORDO AINDA

Recordo ainda... e nada mais me importa...

Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta

Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!

Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente!...
(QUINTANA, 2000, pg. 25).

Depois de contextualizarmos o envelhecimento, no próximo capítulo, vamos conhecer alguns dados do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos, que foi criado pela Universidade de Sorocaba para oferecer o Ensino Fundamental aos jovens e adultos que não estudaram na idade regular, atendendo também a população idosa.

3 A UNISO E O PROGRAMA SOROCABA E REGIÃO 100 ANALFABETOS

Neste capítulo, comentaremos o objetivo da Universidade de Sorocaba – UNISO, com relação a trabalhos de extensão que por ser comunitária procura desenvolver, através da extensão, projetos sociais em Sorocaba e na região. Entre os que mais se destacam está o “Sorocaba e região 100 Analfabetos”, que começou a funcionar em 1998. Inicialmente com abrangência local, o projeto foi ganhando voluntários, até ser implantado em dezessete cidades da região de Sorocaba, e atualmente funcionando em nove cidades.

A história da Universidade de Sorocaba - UNISO, teve início em 1951, quando nascia à faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFI), um dos embriões da Universidade, criada no ano de 1994. Sua história revela o compromisso com a educação em Sorocaba e região e também com a formação de professores: os primeiros cursos foram os de Pedagogia e Letras Neolatinas, e o primeiro Mestrado foi em Educação.

Atualmente conta com 28 cursos de graduação, 16 cursos de Pós-Graduação Lato Sensu, 7 cursos de MBA, 7 cursos tecnológicos e Mestrado em Educação e Comunicação, recomendado pela CAPES. (UNIVERSIDADE DE SOROCABA, acesso em: 12 jul. 2006).

A entidade mantenedora da Universidade de Sorocaba é a Fundação Dom Aguirre, que também mantém um Colégio de Educação Infantil até o Ensino Médio.

A Universidade de Sorocaba tem como propósito básico de seu Projeto Institucional, ou seja, a sua missão:

Ser uma Universidade que, através da integração de ensino, pesquisa e extensão, produza conhecimentos e forme profissionais em Sorocaba e região para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos. (Revista Anual, 2004, p.40).

Por meio de atividades de extensão oferece vários serviços à comunidade, tais como: atendimento jurídico gratuito - Saju, a formação de uma cooperativa para os

catadores de papel – Catares, a farmácia comunitária e o Programa Sorocaba e Região
100 Analfabetos, entre outros.

Art. 1º: - A Extensão Universitária é concebida como um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade, visando à socialização do saber acadêmico. (Normas da Extensão Universitária da Universidade de Sorocaba).

3.1 PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

O Programa foi criado para servir de apoio aos jovens e adultos que pretendiam acessar o conhecimento escolar. Elaborado e implantado pela Uniso no início de 1998, criou-se então o “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”, (ANEXO A), em parceria com a Arquidiocese de Sorocaba, dentro da Campanha Nacional da Fraternidade lançada pela Igreja Católica com o tema: Educação e Fraternidade.

A meta inicial do projeto era alfabetizar, bem como oferecer a possibilidade de conclusão do ensino fundamental ao primeiro segmento (1ª a 4ª séries) para 500 pessoas, entre jovens e adultos.

Na época em 1998, o desenvolvimento desse trabalho, ficou sob a responsabilidade das pastorais da Campanha da Fraternidade de Sorocaba e Região, na disponibilização dos locais (salões paroquiais), dos professores voluntários, bem como da organização e andamento dos núcleos. Ficando a Universidade de Sorocaba com a responsabilidade de oferecer a formação inicial desses professores e a supervisão do processo ensino-aprendizagem.

No ano de 1999, alguns alunos que haviam obtido o certificado de conclusão da 4ª série e que gostariam de continuar os estudos e não conseguiam vagas nas escolas públicas, impulsionaram o atendimento do Programa que passou a atender também salas de 5ª a 8ª séries. Pela mesma razão em 2000, foram organizadas salas para o Ensino Médio. Porém, a partir de 2004, com os novos cursos oferecidos pela Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo para esse segmento, o Programa encaminha os alunos concluintes da 8ª série, para essas escolas.

Para cada comunidade é formado um núcleo², e nele existem uma ou mais salas de aula, conforme a necessidade local. As salas podem ser de 1ª fase (1ª a 4ª série) com 15 alunos ou 2ª fase (5ª a 8ª série) com máximo de 20 alunos.

A Universidade de Sorocaba oferece aos alunos diplomados emissão de

² Chamam-se de núcleos os locais onde são ministradas as aulas, podendo ser eles, igrejas, salões paroquiais, salões comunitários. Esses locais são fornecidos pela própria comunidade.

certificado de participação, duas vezes ao ano, nos meses de junho e novembro. O Programa atende atualmente 2.280 alunos, e desde o seu início até o ano de 2005, foram formados 2.563 alunos, conforme os quadros 1 e 2:

QUADRO 1 - ALUNOS INSCRITOS E FORMADOS ATÉ 2005

Ano	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Alunos inscritos	300	650	1566	1730	2338	2567	2873	2280
Alunos formados	145	231	276	395	416	503	361	236

QUADRO 2 - ALUNOS MATRICULADOS POR CIDADES ATÉ 2005

CIDADE/ANO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Alumínio	-	-	-	-	-	-	04	03
Araçoiaba	-	-	-	122	318	647	725	535
Capela do Alto	-	-	-	-	-	-	-	362
Ibiúna	-	-	112	131	-	-	-	-
Iperó	-	-	-	-	-	58	32	-
Itapetininga	-	-	-	-	-	41	106	-
Itu	-	-	-	-	-	-	2	12
Jumirim	-	-	-	-	-	-	14	3
Laranjal Paulista	-	-	96	121	134	133	138	119
Mairinque	-	-	-	-	-	19	22	-
Piedade	-	-	-	-	-	-	34	-
Pilar do Sul	-	-	-	05	-	13	-	-
Salto	-	-	49	-	-	-	-	-
Salto de Pirapora	-	-	03	44	42	17	6	-
São Roque	-	-	-	-	-	-	5	11
Sorocaba	300	650	1232	1274	1614	1418	1234	706
Tietê	-	-	-	-	-	100	495	494
Votorantim	-	-	74	33	230	121	56	35
TOTAL	300	650	1566	1730	2338	2567	2873	2280

CIDADE/ANO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Total Geral	14304							

Em Sorocaba atualmente existem 22 núcleos perfazendo um total de 44 salas de aula, procurando atender a toda população, quer seja do centro ou da periferia.

O programa atende também, além de Sorocaba, as cidades de: Alumínio, Araçoiaba da Serra, Capela do Alto, Jumirim, Laranjal Paulista, Mairinque, Tietê e Votorantim. Com exceção de Sorocaba e Votorantim, as outras cidades firmaram convênio com a Universidade (ANEXO B), possibilitando um pagamento ao professor voluntário.

Para a seleção dos professores que irão atuar nas salas de aula é necessário passar por um curso de preparação, organizados e ministrados por todos da equipe pedagógica do programa. (ANEXO C).

A equipe pedagógica reforça a importância do diálogo e da união de todos os envolvidos na discussão e reflexão constante da prática, como instrumento de enriquecimento do processo educacional. Sem diálogo e compromisso político não há educação, portanto, refletir a diversidade das situações que serão encontradas, abrir espaço para discutir o homem e a mulher, seus condicionamentos históricos, sociais e culturais, além da observação e análise do público alvo, são exigências didáticas de uma prática comprometida com o social. (UNIVERSIDADE DE SOROCABA, 2004, p.34).

Por se tratar de um programa de ação comunitária, a formação de parcerias, contribui para ampliação do seu raio de ação, bem como possibilita o enriquecimento de seu atendimento. (ANEXO D).

A equipe pedagógica do programa é formada por uma Coordenadora, com graduação em Pedagogia e Mestrado em Educação, quatro Supervisores, sendo dois com graduação em Geografia e um com pós-graduação em Psicopedagogia, e os outros dois com graduação em Pedagogia, e um também com pós-graduação em Psicopedagogia, sendo dois supervisores concluindo Mestrado em Educação, e outro com o Mestrado também em Educação já concluído.

Conhecendo, embora de forma breve o Programa 100 Analfabetos, bem como

suas dinâmicas, no capítulo seguinte, dedicamos à narrativa das conversas do cotidiano com nossos alunos e alunas.

4 CONVERSAS DO COTIDIANO

O narrador conta o que ele extrai da experiência, sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história. (BENJAMIN, 1987, p.221).

A opção de realizarmos conversas do cotidiano com nossos alunos, foi pelo motivo de ser uma metodologia extremamente rica, além do aspecto informal que proporciona o diálogo; as conversas do cotidiano permeiam as mais variadas esferas de interação social; “conversar é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que estabelecem no cotidiano” (MENEGON, 1999, p. 216). As conversas são expressões vivas que refletem o contexto do cotidiano de cada um:

Quando, no entanto, se entende que, para além de mero reflexo ou redução de uma outra realidade, o cotidiano, mantendo múltiplas e complexas relações com o mais amplo, é tecido por caminhos próprios trançados com outros caminhos, começa-se a entender que as fontes usadas para “ver” a totalidade do social não são nem suficientes, nem apropriadas. Ao lidar com o cotidiano preciso, portanto, ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, me dedicando a buscar, outras fontes, todas as fontes, na tessitura de novos saberes necessários. (ALVES; OLIVEIRA, 2001, p. 26-27).

“Dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade”. (SPINK, 1999, p. 41). Ao refletirmos sobre o cotidiano de pessoas, descobrimos riquezas e muitos significados; pois no cotidiano não podemos controlar ações, atitudes, que surgem espontaneamente e as pessoas sentem-se à vontade, para expor suas idéias e pensamentos sem sentirem-se observadas.

“Quando falamos, estamos invariavelmente realizando ações – acusando, perguntando, justificando etc. -, produzindo um jogo de posicionamentos com nossos interlocutores, tenhamos ou não essa intenção”. (Spink, 1999, p.47). E é nessas ações que se constituem a produção dos sentidos e o modo como cada um se posiciona nas relações sociais cotidianas:

Para aprender a “realidade” da vida cotidiana, em qualquer dos espaços/tempos em que ela se dá, é preciso estar atenta a tudo o que nela se passa, se acredita, se repete, se cria e se inova, ou não. Mas é preciso também reconhecer que isso não é fácil, pois o ensinado/aprendido me leva, quase sempre, a esquemas bastante estruturados de observação e classificação e é com grande dificuldade que consigo sair da comodidade do que isto significa, inclusive a aceitação pelos chamados “meus pares”, para me colocar a disposição para o grande mergulho na “realidade” (ALVES; OLIVEIRA, 2001, p. 19-20).

Sendo assim, as conversas foram obtidas através de uma classe de alfabetização do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos, da Universidade de Sorocaba.

Decidimos realizar as conversas com oitos alunos entre 60 e 73 anos, (sendo 5 mulheres e 3 homens), pelo motivo de serem os alunos e alunas mais freqüentes às aulas, alguns estavam com problemas de saúde e, portanto não iam regularmente. Tivemos três encontros, sendo na própria sala de aula e também durante as visitas semanais que são realizadas para acompanhar o processo pedagógico. Nessas visitas conversávamos com os alunos, ou seja, batíamos papo, sobre assuntos das aulas e das professoras, também assuntos do dia a dia, dos filhos, dos netos, da vida, e às vezes como em uma conversa informal fazíamos perguntas sobre: Porque resolveram estudar neste momento? O que esperam? Porque não estudaram quando crianças? Durante essas conversas foram observadas suas necessidades, seus desejos, seus

sonhos, e depois essas conversas eram anotadas fora do ambiente da sala de aula, para que não houvesse influência de nossa parte nas respostas.

OS alunos foram deixados livres para que se expressassem de maneira espontânea. Nos momentos em que algumas perguntas eram realizadas, o procedimento era como se estivéssemos em uma conversa informal. Depois de concluído esses momentos, os alunos foram informados de que se tratava de uma pesquisa e que eles seriam incluídos através daquelas conversas que tivemos, e foi pedida a autorização para que pudéssemos utilizá-las em nossa pesquisa, no que encontramos uma resposta positiva e alegre da parte de todos.

Optamos por descrever os nossos alunos com o nome de flores, as mulheres nomes femininos e os homens masculinos. A escolha de colocar nomes de flores para os alunos é porque sentimos nos mesmos um sentimento de desabrochar para a vida.

Mulheres: Margarida, 65 anos; Tulipa, 60 anos; Rosa, 72 anos; Gardênia, 63 anos; e Orquídea, 64 anos.

Homens: Cravo, 65 anos; Gerânio, 62 anos; e Crisântemo 73 anos.

Apresentamos relatos dos alunos extraídos de nossas conversas, sendo assim com diferenças individuais, alguns alunos falam mais que outros.

MARGARIDA, 65 anos.

É uma senhora casada e tem dois filhos, a filha é formada em administração e o filho é engenheiro. Sobre o marido ela não fez comentário algum.

Morava quando criança em um sítio em Rui Barbosa-Bahia, com os pais e sete irmãos. Quando ela tinha seis anos a mãe morreu e a “vó” veio cuidar dos netos. Sua “vó” não a deixava estudar, pois dizia que mulher só estudava para escrever cartas para o namorado; e o pai dizia que mulher não precisava estudar, e sim aprender a cozinhar e cuidar da casa.

Margarida ajudava na plantação de mamona (para fazer o azeite), de feijão de corda, de batata, frutas (melancia, mamão) e milho.

Conseguiu estudar apenas um mês. A escola ficava muito longe do sítio, eram mais de duas horas caminhando na mata fechada, com muitas cobras. Aprendeu apenas a escrever seu nome, e o pai a tirou da escola.

A família foi morar em outro sítio, ela novamente voltou a estudar, mas ficou apenas um mês, pois o pai a tirava da escola justificando que precisava de sua ajuda na roça.

Margarida lembra que uma época ficou uns três anos sem chover e foi um tempo muito difícil para a lavoura.

Veio morar em São Paulo em casa de família. Era na casa da irmã de sua madrasta, e era essa senhora de 52 anos, que escrevia cartas para ela se comunicar com o pai.

Depois de casada, os filhos eram pequenos, ela foi estudar no Mobral durante seis meses, mas desistiu por causa dos filhos e do marido, porque ele não gostava de chegar do trabalho e não encontrar a esposa em casa e muito menos não encontrar o jantar pronto.

Sentiu necessidade do estudo neste momento de sua vida para ler um livro, às vezes ela gostaria de fazer uma receita nova e não pode porque não consegue ler, no banco a filha que recebe por ela.

No natal ela gostaria de escrever cartões para os amigos, mas não consegue e não pede a filha por achar que vai incomodá-la. Margarida relata uma vez que foi madrinha de casamento e na hora de assinar o nome ela suava, tremia, ficando muito nervosa.

Para Margarida a frase que a acompanha é “Tenho tudo e não tenho nada”, para ela ter uma casa, família, uma situação estável, não foi suficiente, ela sente como se não estivesse completa, como se não tivesse nada.

TULIPA, 60 anos.

É uma senhora casada e tem cinco filhos. Morava quando criança em uma fazenda em Santa Maria, Paraná. Eram colonos na fazenda plantando arroz, milho e feijão. Tinham galinhas e porcos. A casa era de chão batido e o telhado de bambu, o que fazia com que chovesse bastante dentro da casa. Ela e os irmãos andavam sempre descalços, calçavam chinelos só quando iam sair.

Para estudar, ela e os seis irmãos tinham que ir até outra fazenda (uns quinze quilômetros mais ou menos). Somente com dez anos ela foi à escola ficando apenas dois meses porque o dono da fazenda não podia mais pagar a professora e a escola acabou fechando. Ela lembra que somente uma irmã aprendeu a ler.

Ela também nos conta que de quinze em quinze dias ia um padre na fazenda rezar uma missa, e todos os colonos das outras fazendas iam para participar da missa.

Depois de casada foi estudar no Mobral, escondida do marido. Foi aí que aprendeu a ler um pouco e a escrever o nome. O marido não a deixava estudar porque para ele “mulher casada que sai de casa, é mulher que não presta, que vai encontrar-se com outros homens”.

Seus filhos agora adultos a incentivaram a estudar, e o marido talvez por influência dos filhos agora não acha mais ruim.

Tulipa diz que voltou a estudar “porque as pessoas falam mulher jacu, não sabe ler nem escrever, fala só errado, não sabe nem conversar. Eu não quero mais isso na minha vida”.

ROSA, 72 anos.

É uma senhora viúva, e tem três filhas e um filho. Hoje tem nove netos e um bisneto. Gosta muito de cozinhar para seus familiares, seus pratos prediletos são macarronada, arroz de forno e bolo.

Trabalhou como ajudante em laboratório de remédio e em fiação de tecido em uma fábrica de Botucatu. É aposentada por problemas na coluna.

Rosa nunca foi à escola. Morava em uma fazenda em São Manoel – SP, onde seu pai era meeiro³ numa plantação de café.

³ Aquele que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras. (Novo Dicionário Aurélio, 1988, p. 425).

Seus pais possuíam uma plantação própria de milho, arroz e feijão. Ela não ajudava na roça, somente no serviço da casa e levava água em uma lata na cabeça para os animais como porco, cavalo, galinha.

Seu pai teve quatro filhos sendo somente ela de mulher. Ela se lembra que tinha um tio que vinha na fazenda ensinar os estudos, mas somente para os irmãos, pois seu pai dizia que mulher não precisava aprender a ler e a escrever, porque não iria usar para nada. “Mulher é para casar e cuidar dos filhos”.

Rosa conta que foi seu marido que a ensinou a escrever seu nome quando eram recém casados. Por essa razão nos conta que muitas vezes pegou ônibus errado e que o marido é sempre quem decidiu tudo.

Agora que ela cuidou dos filhos disse que iria cuidar dela e que tinha vontade de estudar. Os filhos a apoiaram nessa decisão.

ORQUÍDEA, 64 anos.

É uma senhora viúva, tem quatro filhos e nove netos. Trabalhou na limpeza e serviço de café de uma loja de carros em Sorocaba. Aposentou por problemas de saúde.

Também morou em um sítio numa casa de barro e forno à lenha. Ajudava na roça. Seu pai dizia que mulher não era para estudar, era somente para ajudar nos serviços da casa. Ficou apenas dois meses na escola, ela lembra que para ir à escola levava mais de uma hora de caminhada. Quando seu pai a tirou da escola, ficou triste e chorou muito, pois gostava de estudar.

Quando veio para a cidade foi trabalhar em um restaurante na limpeza e fazendo café. Ela gostaria de ler um livro, o jornal e não consegue, quis voltar a estudar e seus filhos a incentivaram muito.

Orquídea diz que está feliz, “Agora sei ir a um banco sozinha, sem a ajuda de ninguém”.

GARDÊNIA, 63 anos.

É viúva e tem quatro filhos. Morou em um sítio e seu pai não a deixava estudar, porque para ele isso era coisa de homem. Ela tinha onze irmãos, a vida era muito difícil.

Gardênia conta que casou e foi morar em um sítio com seu marido, quando ela ficou viúva precisou vender o sítio. No cartório ela não conseguia assinar o nome e não queria colocar o dedo, as pessoas do cartório escreviam o nome para ela copiar, mas ela não conseguia; ela diz que ficou muito nervosa e suava muito, ficando a tarde inteira no cartório, para conseguir assinar o nome. Gardênia diz que nunca se sentiu tão humilhada na vida, “nunca passei tanta vergonha na minha vida”.

Gardênia nos mostra seu Registro de Identidade que está escrita à palavra “analfabeta” no lugar da assinatura. Para ela essa palavra dói, machuca. Quer estudar para nunca mais passar a humilhação que ela passou, e quando aprender a assinar o nome, a primeira coisa que ela vai fazer é trocar o seu documento com a sua assinatura.

Gardênia diz que sente como se somente enxergasse metade das coisas.”Neste momento é como uma porta que está se abrindo para mim”.

CRAVO, 65 anos.

É um senhor viúvo e tem um filho. Também morou em um sítio, estudando um tempo que ele não lembra quanto foi. O que ficou muito marcado em sua memória é que a professora batia muito nele com a palmatória e quando ele chegava em casa, por conta de ter apanhado da professora, o pai também batia nele. Talvez por isso ele não tenha muitas lembranças boas da escola e da infância.

Para ele saber ler e escrever é não precisar dos outros. Às vezes quer escrever uma carta para os parentes que moram longe e tem que pedir ao filho, "ele diz que vai escrever, mas esquece e está sempre ocupado, nunca tem tempo para mim".

GERÂNIO, 62 anos.

É um senhor casado e tem cinco filhos e treze netos.

Morava em um sítio em Minas Gerais, tendo que ajudar o pai na roça, e por isso seu pai não o deixava ir à escola. Plantavam milho, arroz, feijão e mandioca. Saiu de casa com quatorze anos para trabalhar no café, na fazenda Monte Alegre no município de São Jorge, Paraná.

Casou com vinte anos e foi trabalhar como ajudante de cozinha por quinze anos, depois cozinheiro industrial por mais quinze anos. Quando tinha trinta anos foi estudar no Mobral, mas diz que não aprendeu nada, só assinar o nome.

Quando ele aprendeu a assinar o nome e pode trocar o documento, e tirar a palavra "analfabeto" e colocar sua assinatura, foi a maior alegria de sua vida, nunca esquece e nem esquecerá este momento e a satisfação que sentiu.

CRISÂNTEMO, 73 anos.

É um senhor viúvo e tem dois filhos, um é portador de deficiência mental, e depende do pai para tudo. Crisântemo é quem realiza todo serviço da casa sem ajuda de ninguém, desde cozinhar, lavar e passar.

Morou em um sítio em Capão Bonito com mais dois irmãos e três irmãs. Trabalhava na roça desde os seis anos de idade. Quando ele tinha treze anos, seu pai faleceu, e os irmãos mais velhos tiveram que assumir toda a responsabilidade da família. Apenas um irmão caçula que na época tinha quatro anos estudou.

Crisântemo casou com vinte e sete anos; aprendeu a escrever sozinho, tirou carta de motorista e trabalhou de motorista com caminhão por três anos e meio e depois em uma empresa de ônibus também como motorista, por vinte e um anos. Ele nos conta que tirou sua carta de motorista na cidade de Curitiba, e para conseguí-la ele tinha que dar algumas voltas pela cidade com um guarda rodoviário, e se o guarda aprovasse depois de trinta dias a carta chegava.

Crisântemo não gosta de ficar parado e é envolvido em outras atividades, faz ginástica e caminhadas; decidiu estudar porque sente necessidade de aprender mais, ele nos diz que quer saber mais as coisas.

A seguir faremos uma análise das conversas.

4.1 ANÁLISE DAS CONVERSAS

Margarida mesmo não sabendo ler e escrever lutou para que seus filhos tivessem uma condição melhor, ou seja, pudessem concluir estudos universitários. “Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos **homens** proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser”. (FREIRE, 1987, p. 43). Um direito que Margarida não alcançou, mas a sua busca do direito de existir ela passou para os filhos.

Observamos que quando solteira Margarida sofria a opressão do pai, pois mulher não era para estudar, mas para cuidar dos afazeres domésticos, sendo esse autoritarismo paterno a norma vigente na época. Depois de casada, era o autoritarismo do marido:

Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. (FREIRE, 1987, p. 30-31).

Nas conversas de Margarida, Rosa, Orquídea e Gardênia, notamos que a questão do autoritarismo paterno era bem forte.

No relato de Tulipa, entretanto, observamos que o pai não era o opressor, mas sim o marido. Para estudar no Mobral, ela teve que ir escondida dele, sendo sua fala na ocasião: Mulher que sai de casa não é séria!

Com o tempo, porém, seu marido ficou mais flexível e hoje apóia sua decisão de estudar: “Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como **homens**, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais”. (FREIRE, 1987,

p. 52). Importante ressaltar, que nas falas de Freire (*grifo nosso*) notamos que o autor, quando faz referência aos homens, subentende-se também que ele está falando de homens e mulheres.

Quando Margarida veio para São Paulo morar com a irmã de sua madrasta, era sua madrasta quem escrevia cartas para o pai de Margarida. Depois de casada foi estudar no Mobral, mas apenas seis meses, que foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização, lançado pelo governo militar em 1967. (Anexo E). “A primeira coisa é a seguinte: é que, se eu e o MOBREAL fizéssemos a mesma coisa um de nós estaria totalmente errado! Nem eu erro, nem o MOBREAL! Vale dizer que nós somos radicalmente diferentes”. (FREIRE, 2003, p. 142). Era um programa que separava o aluno do processo ensino-aprendizagem, com uma realidade que não condizia com a leitura de mundo do educando:

As orientações metodológicas e os materiais didáticos do Mobral reproduziram muitos procedimentos consagrados nas experiências de inícios dos anos 60, mas esvaziando-os de todo sentido crítico e problematizador. Propunha-se a alfabetização a partir de palavras-chave, retiradas “da vida simples do povo”, mas as mensagens a elas associadas apelavam sempre ao esforço individual dos adultos analfabetos para sua integração nos benefícios de uma sociedade moderna, pintada sempre cor-de-rosa. (RIBEIRO, 1997, p.27).

Notamos nos relatos de Margarida, Tulipa e Gerânio, que foram alunos do Mobral, que isso resultou em apenas escrever o nome e ler um pouco, efetivando o abandono do curso. O aluno não sentia como o realizador de sua própria aprendizagem, eram questões sem abordagem crítica, apenas aceitando o que era imposto, sem haver o diálogo que permeia todo o conhecimento. “Se é dizendo a palavra com que “pronunciando” o mundo, os **homens** o transformam, o diálogo se

impõe como caminho pelo qual os **homens** ganham significação enquanto **homens**". (FREIRE, 1987, p. 79).

Rosa, Gardênia, Crisântemo nunca foram à escola no tempo de sua infância e nem freqüentaram aulas do Mobral. Rosa aprendeu apenas a escrever o nome com o marido; Crisântemo aprendeu a escrever o nome sozinho, talvez copiando o próprio nome, e Gardênia passou por uma experiência em um Cartório onde ela não conseguia assinar o nome, mas do qual ela não abria mão, fazendo questão de escrever o seu próprio nome:

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, **mulheres e homens**, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança. (FREIRE, 1992, p. 91).

A esperança de Gardênia e de Gerânio, de poder tirar a marca da sua impressão digital do seu documento de identidade. Assim então, poder assinar o seu próprio nome, com sua letra, um momento de plena satisfação, de que é possível; sua "identidade" sendo resgatada através deste pequeno ato em sua ação, mas grandioso naquilo que representa, a leitura de um novo mundo, uma nova descoberta pelas palavras, em suas próprias mãos:

Muitos terão, possivelmente sofrido, e não pouco; ao refazer sua leitura do mundo sob a força de nova percepção: a de que, na verdade, não era o destino, nem o fado nem a irremediável sina que explicavam sua impotência, como operário [...]. (FREIRE, 1992, p. 33).

Gardênia e Gerânio nos contam da sua alegria quando conseguiram escrever o seu próprio nome. No lugar da humilhação de dizer: "não sei escrever nem meu nome", agora sua assinatura é como a marca de sua vitória, de que é capaz, de sentir-se útil, a

satisfação de ter conseguido, o sonho acalentado no ser mais íntimo, agora despertado, nesse momento começa-se uma nova história:

Era como se, de repente, rompendo a “cultura do silêncio”, descobrissem que não apenas podiam falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, seu mundo, era uma forma de refazê-lo, era como se comessem a perceber que o desenvolvimento de sua linguagem, dando-se em torno da análise de sua realidade, terminasse por mostrar-lhes que o mundo mais bonito a que aspiravam estava sendo anunciado de certa forma antecipado, na sua imaginação. (FREIRE, 1992, p. 40).

Nesse sentido, fazer a diferença e se apropriar de sua história, como Gardênia e Gerânio, na vontade de “ser mais” (FREIRE, 1987, p. 52), direito de todos, pois:

Tomar a história nas próprias mãos antecede o começo do estudo do analfabeto. O processo de alfabetização é muito mais fácil do que o processo de tomar a história nas próprias mãos, uma vez que isto traz consigo necessariamente o ‘reescrever’ a própria sociedade. (FREIRE, 1990, p. 56).

Quando Gardênia e Gerânio expressam sua alegria diante deste gesto tão simples, para tantos de nós, mas para eles cheios de um real e profundo significado, mais do que escrever apenas o nome em um documento, os sentimentos escondidos de rejeição, de negar-se a si mesmo, de dependência de alguém; descobrir um novo caminho, um novo olhar, como vemos:

Não posso entender os **homens e as mulheres**, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu “caminho” que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao “caminho” que estão fazendo e que assim os refaz também. (FREIRE, 1992, p. 97).

Neste momento percebemos em Freire uma mudança, em seus textos a palavra ‘homens’ é trocada por ‘homens e mulheres’, o próprio autor acompanhando as transformações do mundo, onde não há apenas homens, mas sim homens e mulheres: “É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho

caminhando, sem aprender a refazer, e retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar”. (FREIRE, 1992, p. 155).

Observamos também em Margarida, Orquídea e Cravo o sentimento de não querer depender de alguém, de um filho, para coisas simples como escrever uma carta, ler um livro. Querer e buscar ser o centro do seu EU, do seu mundo, ser o autor de seus atos e desejos, assumir sua identidade, não feita por outros.

Na época da infância, décadas de 30 e 40, devido a todos morarem em localidades rurais; nas fazendas onde havia escola, o caminho era muito difícil e longe, obrigando aos alunos uma grande caminhada, e acabando por tomar um tempo precioso, e seus pais precisavam do trabalho dos filhos na lavoura, sendo que os pais não percebiam a necessidade do estudo na vida de seus filhos:

[...] a família é para todos a única instituição educativa, e certos pais vêm com desconfiança a alfabetização que os separa muito dos filhos, transformando-os em letrados. Segundo um morador, a filha que aprende rudimentos de leitura e escrita com a senhora de um fazendeiro já estava muito adiante dele, porque “sabia ver as letras”. E ela própria alegava não ter necessidade de mais instruções, pois já sabia escrever o seu nome e o dos pais. (CÂNDIDO, 2003, p.315).

Além das mulheres que o pai não permitia que elas estudassem notamos também que o pai de Gerânio não o deixava ir a escola, Não sabemos se havia alguma razão para esta atitude, ou simplesmente porque precisava do trabalho do filho na lavoura e não poderia dispor dessa mão-de-obra. Para eles a atitude do pai não representava uma negativa, de impedir algo; aceitavam o que o pai determinava como sendo o correto, sendo que a figura paterna representava uma imagem muito forte no universo caipira: “Do ângulo das crianças a família é praticamente o mundo, delimitando

as fronteiras dentro das quais se dá a educação e se forma o conhecimento das coisas”. (CÂNDIDO, 2003, p.314).

A busca por uma condição melhor de vida, leva-os a abandonarem o campo e buscarem um novo lugar em busca de melhores condições de trabalho; pois a terra na qual viviam e plantavam na maioria das vezes era em parceria com o proprietário, ele cedia a terra, e arrendava o sítio para a plantação em troca de dividir a colheita. Isso muitas vezes ocasionava uma migração para outras terras, acabando por não fixar a família:

Não se trata mais agora da agricultura itinerante, nem da busca de novas terras para substituir as que se tornam inóspitas por cansaço ou expulsão. Trata-se, da mobilidade como fuga a sujeição econômica total - seja mudando de um lugar na mesma área, seja buscando zonas pioneiras, seja rompendo com o passado e migrando para a cidade. (CÂNDIDO, 2003, p.278).

Nas conversas aqui formuladas notamos que as famílias de todos saíram de seus lugares e foram em busca de um novo trabalho, de uma nova moradia, acabando na “cidade”, onde o trabalho com a lavoura ficou para trás, e foram trabalhar em outras atividades, como observamos: trabalho em casa de família, ajudante de laboratório, fábrica de tecidos, auxiliar de serviços gerais, cozinheiro e motorista:

Modernamente, o êxodo rural separa com mais freqüência o indivíduo da família, criando novo fator de instabilidade e ameaçando a sua estrutura. E a circulação constante de famílias em busca de melhores condições de trabalho continua – como antes a agricultura itinerante – a dificultar a integração regular dos grupos familiares em estruturas mais amplas. (CÂNDIDO, 2003, p. 319).

Nas conversas com Cravo ele nos conta que apanhava na escola e também depois na casa; essa condição gerava no pai um sentimento de desonra, pois os pais consideravam-se “donos” de seus filhos:

[...] antigamente o filho se dirigia ao pai de olhos baixos e lhe obedecia à vida toda. [...] Segundo João Chagas não havia brutalidade, porque não era preciso: os pais governavam os filhos com o olhar até ficarem homens. Mas se saíam dos trilhos os castigos eram severos, menos por ocasião da Quaresma, quando havia anistia geral. (CÂNDIDO, 2003, p. 312).

Quando o filho ia para a escola, e o pai recebia a notícia de que o filho apanhou da professora na escola; isso representava para o pai tempo perdido, pois deixando que o filho fosse estudar dispensando-o de seus afazeres, acabava por se tornar infrutífero; o filho ao trabalhar na roça era considerado pelo pai numa relação igualitária e não mais merecedor de castigos corporais:

Vimos há pouco que o começo da lida na roça marca geralmente o fim dos castigos corporais. Com efeito, para o caipira o trabalho é o critério principal para determinar a passagem à idade adulta. Os meninos desde cedo ajudam os pais na faina da lavoura, mas apenas quando apresentam certo vigor físico, aos treze ou quatorze anos, recebem o peso total do serviço do eito. (CÂNDIDO, 2003, p. 315).

Nas conversas dos idosos e idosas aqui relatados, observamos que estão resignificando algo que não se concretizou no período de sua infância, mas que agora neste momento de suas vidas tem se “empenhado no alcance de metas significativas de vida e na manutenção ou no restabelecimento do bem-estar psicológico” (FREIRE, 2000, p. 24).

É necessário “uma revisão do que se fez na vida, o que se desejou mas não foi possível realizar antes. Pode ser que nos projetos abandonados, esteja a oportunidade de pôr em prática novas habilidades”. (FREIRE, 2000, p. 29).

Mesmo com todo esse empreendimento social em torno do envelhecimento, valorizando a velhice e enfatizando o envelhecimento saudável tanto nos aspectos físicos como psicológicos; percebemos ainda em muitos segmentos de nossa sociedade a noção preconceituosa sobre a velhice, sendo vista como um problema

social; havendo a necessidade de muitos idosos e idosas estarem buscando o ‘seu’ espaço na busca de um envelhecimento com dignidade, com autonomia e com esperança de que o conhecimento da vida cotidiana não tenha perdido seu valor por causa da velhice: “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”. (BOSI, 1994, p. 80).

A sociedade sempre se transformando e as pessoas também estão em permanente transformação, sujeitos de sua própria busca e nessa busca se encontram, ou seja, reencontram a si mesmos:

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados, Tem a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela tem. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade. Desta maneira, a educação se re-faz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo. (FREIRE, 1987, p. 73).

O cotidiano vivido dos alunos e alunas, resgatando identidades, dignidade e esperanças. Somos como uma colcha de retalhos, pedacinhos de vários tons e tamanhos, que no nosso viver cotidiano, nas relações com as pessoas e no mundo, vão se formando. Pedacinhos que vistos do lado de dentro, são retalhos sobre retalhos alinhados pelas linhas do tempo da vida; vistos por fora mostram a realidade inacabada, contudo refletem o que somos e estamos sendo em nossa vida cotidiana, e esses pedacinhos vão se encaixando, se juntando, dando liga, fazendo sentido, fazendo com que a visão do todo tome forma em nossa imaginação, de como será o acabamento final de tão linda obra, a nossa vida: “E assim somos nós, com nossas vidas, nossas cumplicidades, nosso cotidiano, nossas subjetividades, resignificando

nossas vivências e experiências passadas a cada vez que nela mexemos”. (MOTA; PACHECO, 2005, p. 66).

Se queremos que a nossa sociedade seja uma “sociedade democrática”, onde todos sem exceção tenham acesso a todo tipo de conhecimento, é preciso aprender a respeitar o outro: “A reciprocidade exige essencialmente que a partir de minha dimensão teleológica, eu aprenda a do outro”.(BEAUVOIR, 1970, p. 243). Quando nos colocamos no lugar do outro, procuramos sentir o que ele sente, como sente, quem sabe poderemos realmente nesta sociedade aprender com os “velhos”, considerando-os iguais e poder vivenciar histórias e relatos do cotidiano cheios de significados, vivências e conhecimentos de pessoas como estas, com as quais aprendemos que a “lei da vida é mudar”. (BEAUVOIR, 1970, p. 15).

4.2 PERCEPÇÕES PESSOAIS DAS CONVERSAS DOS ALUNOS E ALUNAS (COM FRAGMENTOS DAS ENTREVISTAS⁴).

O que vem se observando atualmente na educação de idosos é a preocupação de fazer com que o envelhecimento seja emancipatório, ou seja, possibilite ao idoso e a idosa a participação efetiva no seu próprio envelhecimento. Os próprios idosos e idosas devem decidir como eles querem envelhecer e de que maneira esse processo se dará:

Paulo fala muito **com**, que é exatamente a questão da relação. Paulo dizia: “eu não sou apenas um sujeito **no** mundo, eu sou **do** mundo, estou **no** mundo **com** o mundo, **com** os outros e outras”. [...] é importante dizer o seguinte: o conhecimento científico não vem somente através da leitura crítica, ele vem através da intuição, da valorização do senso comum, Paulo dizia eu não aprendo com minha cabeça eu aprendo com meu corpo inteiro. (FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. 2006, p. 119).

As crenças e o conhecimento que temos a respeito do envelhecimento é fator determinante na maneira pela qual lidamos com a velhice, com os idosos e as idosas:

[...] no momento em que a gente percebe os problemas de nossa sociedade, que a gente os verbaliza, que a gente assim está criticamente denunciando os problemas, é através desse mecanismo que denunciando, anuncia – dialética que Paulo usou muito. Quero dizer no momento em que você denuncia, você já está anunciando, porque antes de você ter consciência disso, você não poderia mudar, não teria possibilidade de mudança. No momento em que você denuncia, você cria neste momento, inicia neste momento uma coisa diferente, e essa coisa diferente é o anúncio que cria a possibilidade da transformação da sociedade. Entretanto, esclareço agora, quando eu digo que “mudar é difícil, mas é possível”, que é uma frase que Paulo disse muito, [...] Então são algumas atitudes que mesmo pequenas, ações incisivas, afirmativas de que “um outro mundo é possível”, que se cria à possibilidade de se desmontar essa grande muralha de “impossibilidades”, essa política que está aí. (FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. 2006, p. 96-97).

É importante que se desfaça essa visão de que o envelhecimento é somente um período de perdas e que a educação é somente para os mais jovens:

⁴ Entrevistas realizadas com o professor Aldo Vannucchi e a professora Ana Maria Araújo Freire, que se encontram no apêndice. Apêndice A - p. 77 a 91. Apêndice B - p. 92-124.

O bonito, o belo do existir humano é precisamente esse desabrochar permanente inclusive na terceira, na última idade. Posso com 70 anos, não ter mais a agilidade motora, mas em compensação posso e devo ter mais abertura para o universal, mais capacidade de discernimento, mais capacidade de pesar os fatos, mais possibilidade de exemplaridade. Não que eu seja um exemplo de tudo, mas no sentido de eu poder repercutir idéias, pensamentos, atitudes que provocam também a humanização dos outros. (VANNUCCHI, 2006, p. 90).

Como podemos observar através dos relatos dos alunos e alunas esse 'desabrochar' é importante em todas as fases da vida, e mesmo na terceira ou última idade as pessoas ainda tem muito a aprender e a oferecer a outros, e desenvolver potencialidades que estavam adormecidas por vários motivos e que neste momento de suas vidas ir até uma escola é um passo na construção pessoal da sua própria vida:

Então a educação é uma prática para liberdade, porque a educação, na educação como Paulo propôs está implícita a relação com os outros/as, conscientização, a leitura de mundo, e na conscientização quando é possível você perceber que liberdade é aquela que você só tem quando o outro a tem. A liberdade **propalada**. A liberdade propalada hoje é uma "liberdade diferente", é a liberdade dentro da visão liberal, neoliberal: a minha liberdade acaba quando começa a do outro, não é que dizem? Essa é uma das afirmações que leva aos grandes atos de transgressão da ética, quero dizer, é que, nessa perspectiva, se acha que para se ter liberdade se tenha que cercear a liberdade do outro! Ao contrário, Paulo dizia: "Eu tenho liberdade porque eu me faço enquanto homem ou enquanto mulher em relação com o outro. Eu só tenho liberdade se os outros e as outras pessoas do mundo a têm". (FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. 2006, p. 112-113).

Como podemos observar, através dos relatos das alunas que a falta de estudo foi ocasionada principalmente pelo fato de serem mulheres, conforme a fala de Margarida (65 anos), "Sua 'vó' não a deixava estudar, pois dizia que mulher só estudava para escrever cartas para o namorado; e o pai que mulher não precisava estudar, e sim aprender a cozinhar e cuidar da casa".

Vejamos o que nos disse Rosa (72 anos) "Seu pai teve quatro filhos sendo somente ela de mulher. Ela se lembra que tinha um tio que vinha na fazenda ensinar os estudos, mas somente para os irmãos, pois seu pai dizia que mulher não precisava

aprender a ler e a escrever, porque não iria usar para nada, “Mulher é para casar e cuidar dos filhos”.

Tulipa (60 anos) não teve essa dificuldade na infância, mas depois de casada seu marido tinha a mesmo pensamento “O marido não a deixava estudar porque para ele “mulher casada que sai de casa, é mulher que não presta, que vai encontrar-se com outros homens”.

Orquídea (64 anos) e Gardênia (63 anos), também não estudaram, pois seus pais não permitiam, para eles “estudar é coisa de homem”; “mulher é pra ajudar no serviço da casa”.

Paulo lutou para que os das classes dominadas, para aqueles antes apenas “subalternos”, os oprimidos tivessem voz. Ter voz é biografar-se na história. Quando você fala, você expressa a sua vontade, seus sonhos, suas aspirações, você passa a ser um **sujeito da história**. Se você só se submete e nunca expressa sua vontade, seu desejo, o seu sonho, você fica fora da história, você fica só um objeto manipulado. E foi Paulo quem deu a grande contribuição, não foi só ele, mas foi ele quem deu sua contribuição lúcida e eficaz a possibilidade para que as classes populares se levantassem, tivessem e tenham voz e digam o que querem e lutem para sua participação como sujeitos políticos nos destinos da nação. (FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. 2006, p. 97-98).

O que notamos aqui é a dificuldade que as mulheres tinham de estudar, pois se alguém tinha direito ao estudo esse era sempre o filho homem.

[...] a conscientização é um passo adiante, é um passo mais profundo, é quando eu reajo como **sujeito** praticando ações que possam me tirar da condição de subalternidade, de inferioridade. (FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. 2006, p. 115).

Com o avanço da sociedade, e as conquistas das mulheres cada vez mais atuantes, que trabalham, estudam, levam dupla jornada, algumas sendo sustentadora de seus lares, a consciência mudou, os padrões mudaram, hoje as mulheres lutam por terem direitos iguais aos homens para poderem decidir se querem e como querem.

Essa humanização proposta no pensamento pedagógico de Freire deveria ser uma preocupação nossa. O pensamento de Paulo nos ajuda a ser mais gente. Não é apenas um pensamento pra usar na aula, na minha escola, mas é um pensamento que nos ajuda a ser gente, porque toca na liberdade, toca na humanização, toca na importância da palavra, no fundamento universal da vida que é o diálogo. (VANNUCCHI, 2006, p. 91).

Como essas senhoras não tiveram oportunidade de realizar seus estudos na infância, agora na velhice, muitas depois de estarem viúvas, sentem desejo de realizar essa vontade que ficou adormecida, mas não morta, pronta a ressurgir e tornar-se realidade:

[...] a vida para ser vivida com dignidade. A vida eticamente respeitada. E por isso que toda a compreensão da educação dele, a teoria dele---vou usar o verbo que ele gostava de usar “o molhar”, né?--- era molhada dessa ética de vida. O que com o que Paulo se preocupou, em última instância, era com isso: com a dignificação do homem e da mulher. (FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. 2006, p. 111-112).

Notamos também em todos os relatos de homens e mulheres um fator econômico, a maioria vivia na roça, trabalhando no campo, vivendo do que plantavam, uma vida difícil, onde toda mão de obra era necessária, então todos os filhos precisavam trabalhar na plantação e colheita dos produtos cultivados. Conforme relato de Gerânio (62 anos) “Morava em um sítio em Minas Gerais, tendo que ajudar o pai na roça, e por isso o pai não deixava ir à escola”.

Às vezes os pais até permitiam que os filhos fossem à escola, mas na época de colheita todos precisavam trabalhar e a escola ficava em segundo plano. Também tinha o aspecto da escola ser longe de onde moravam, onde tinham que andar muitos quilômetros a pé, descalços, conforme relato de Orquídea (64 anos) “Ficou apenas dois meses na escola, ela lembra que para ir à escola levava mais de uma hora de caminhada”; chegavam na escola já cansados e com fome, e assim era mais difícil

aprender, e depois tinham que fazer o caminho de volta, isso também já tirava a vontade de ir estudar, precisando ter muita persistência para conseguir pelo menos aprender a ler e escrever um pouco. E depois que os pais tiravam os filhos da escola, para trabalhar na plantação, dificilmente voltavam novamente para a escola.

Vejamos o que nos diz Cravo (65 anos): “A professora batia muito nele com a palmatória e quando ele chegava em casa, por conta de ter apanhado da professora, o pai também batia nele”.

Pensamos que esse fato não traz boas lembranças, pois notamos que até hoje ele não tem boas recordações da escola, também notamos a mágoa que ele manifesta por seu pai, através de sua fala, por ter batido nele e nunca conversado.

Quando realizamos o acompanhamento pedagógico na sala de aula, sento ao lado dos alunos e alunas e começamos a conversar. Cravo gosta muito de conversar comigo, gosta de falar da sua vida, das coisas que ele está realizando, além do estudo, que para ele é muito importante:

A palavra, filosoficamente, é algo essencial ao ser humano e essencial a sociedade humana, porque é impossível ser humano sem se comunicar. Então a vinculação com o real é justamente tudo isso, porque se a minha palavra não se ligar à realidade, é palavra vazia, sem sentido. (VANNUCCHI, 2006, p. 80).

Crisântemo gosta de ser atencioso, geralmente pega minha mão e dá um beijo nela, como se estivesse me desejando boas vindas. As senhoras também ficam alegres, gostam de me cumprimentar com um ou dois beijos no rosto e na hora de ir embora novamente me beijam e eu a elas.

Verificamos também a necessidade de melhorar sua auto-estima, de sentirem-se valorizados, de não depender dos outros, da humilhação de sentir-se analfabeto, excluído, sentem-se carentes de afeto e carinho, de alguém que os ouça.

Paulo dizia “o que me diz o que pensar é a prática, é a vida cotidiana, são as coisas que acontecem no todo dia” [...] Paulo sempre partiu da completude dos fatos da vida, da obviedade. [...] Paulo pensava o óbvio sobre o que ele vivia, via e observava. [...] Paulo dizia: “ninguém me diz que o mundo começou pelo conhecimento científico, a ciência foi consequência do senso comum elaborado, sistematizado”. Então esse é o processo natural de aquisição do conhecimento: partir do observável, do senso comum, daquilo que a gente diz, do que a gente pensa, será que é? Será que não é?. (FREIRE, Ana Maria Araújo. 2006, p. 119-120).

O que percebemos nestes relatos é a conquista de um direito, via apropriação da palavra, da leitura e da escrita. Ler o mundo lendo a palavra, tornando-os capazes de tornarem-se autores de sua própria história; feita por eles, não mais por outra pessoa:

[...] é importante ter em mente que a vida na velhice pode ser satisfatória, com qualidade e bem-estar, especialmente quando há disposição para enfrentar os desafios da vida, lutar pelos direitos dos cidadãos e pôr em prática projetos viáveis dentro das condições pessoais e do meio ambiente em que se vive. (NERI; FREIRE, 2000, p. 29).

Essa é a superação que nossos alunos e alunas procuram, terem autonomia, dignidade e um envelhecimento digno em toda esfera pessoal e social. Onde eles possam sentir-se parte de uma sociedade, e não à margem:

A continuidade do pensamento de Paulo Freire, a fidelidade a esse pensamento está precisamente no esforço de não simplesmente alfabetizar, mas de formar cidadãos. [...] para fazer com que a cidadania mais que uma palavra de moda seja um esforço presente de pessoas que vão assumindo a sua própria dignidade. Acho que é nessa linha que o nosso trabalho procura concretizar aquele pensamento que é a utopia de Paulo Freire, utopia no sentido real, de algo ainda não concretizado, mas que pouco a pouco, vai sendo atingido. (VANNUCCHI, 2006, p. 82).

É por isso tudo que o filósofo Enrique Dussel disse: “Paulo foi o educador da consciência ético-crítica”, pois ele criou uma nova ética, a ética da vida e a ofereceu a nós em sua pedagogia. Ênfase: o que valia para Paulo era a vida, a vida vivida com dignidade, com ética. (FREIRE, Ana Maria Araújo. 2006, p. 110-111).

Tomando como pano de fundo a pedagogia freireana, no próximo capítulo veremos o seu legado na alfabetização de adultos.

5 O LEGADO DA PEDAGOGIA FREIREANA AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ADULTOS

“Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida”. (Paulo Freire).⁵

Ao término deste trabalho nos perguntamos qual o legado de Paulo Freire, suas idéias ainda hoje são atuais, sua obra ainda é importante no cenário educacional brasileiro? O que suas idéias despertaram?

Através de seus escritos, Freire envolvia os seus leitores a assumirem um compromisso de conscientização com os “oprimidos”, um desejo de continuidade da obra que ele deixou, Freire falava das virtudes como exigências ou virtudes necessárias à prática educativa transformadora.

Freire acreditava que um aprendizado básico na vida é o saber reinventar todas as coisas e assim lutou incansavelmente contra o processo de educação domesticador e autoritário, combatendo em seus escritos todas as formas de discriminação.

Para Freire alfabetizar é tirar o educando do seu papel de conformismo, de “demitido da vida”, aceitando as situações dizendo que é assim mesmo, mostrar que ele é um fazedor de cultura. Quando homens e mulheres se percebem como fazedores de cultura, estão alfabetizando-se, politicamente falando, a educação vista como ato político.

⁵Frase dita por Freire em um depoimento dado a Edney Silvestre, em NY, 16 de abril de 1997, publicado em seu livro Os Contestadores...e transcrito no livro de Paulo Freire, Pedagogia da Intolerância, p. 20, organizado e apresentado por Ana Maria Araújo Freire.

Ao aprendermos podemos interferir como sujeitos não mais como objetos. Freire trouxe novas idéias acerca da alfabetização de adultos, tornando a abordagem centrada no aluno, enfatizando a discussão, o diálogo, “respeitando o conhecimento do aluno e da sua capacidade de assumir a sua própria aprendizagem” (FREIRE, 1992, p. 86). Para ele o passo fundamental no processo de despertar para a “consciência crítica” ocorre quando o oprimido começa a reconhecer sua própria dignidade. (FREIRE, 1987, p. 60).

O conhecimento é um bem imprescindível à produção de nossa existência. Paulo Freire nos dizia que conhecemos para entender o mundo na busca da verdade e ao interpretá-lo, transformá-lo. O conhecimento deve constituir-se numa ferramenta essencial para intervir no mundo.

Para Freire o papel da escola seria proporcionar o conhecimento e colocá-lo nas mãos dos excluídos de forma crítica, porque, a pobreza política produz pobreza econômica. Ensinar é inserir-se na história: não é só estar na sala de aula, mas num imaginário político mais amplo:

Um desses sonhos para que lutar, sonho possível, mas cuja concretização demanda coerência, valor, tenacidade, senso de justiça, força para brigar, de todas e de todos os que a ele se entreguem, é o sonho por um mundo menos feio, em que as desigualdades diminuam, em que as discriminações de raça, de sexo, de classe sejam sinais de vergonha e não de afirmação orgulhosa ou de lamentação puramente cavilosa. No fundo, é um sonho sem cuja realização a democracia de que tanto falamos, sobretudo hoje, é uma farsa. (FREIRE, 2001, p. 39).

Nossa intenção nesta pesquisa não foi falar de sua obra (nem conseguiríamos), mas falar do professor Paulo Freire, que acima de tudo foi um ser humano, onde se aplica o Princípio da Carta das Responsabilidades Humanas que predomina nesta

Dissertação: “A dignidade de cada pessoa implica que ela contribua para a liberdade e para a dignidade dos outros”.

Para Freire era importante que as pessoas realmente compreendessem o sentido do seu compromisso com o oprimido e suas idéias, o reinventassem e levasse adiante o seu legado.

Ao nos depararmos com Paulo Freire, encontramos um homem tolerante, mas ao mesmo tempo teimoso por trilhar caminhos de libertação, para homens e mulheres do mundo inteiro. Sua esperança é justamente o descruzar dos braços, o arregaçar das mangas na construção de um mundo mais justo, mais humano e digno.

Paulo Freire sempre acreditou na importância da escola, do saber, da palavra, da cultura, do educador.

Freire nos deixou uma obra rica e completa, um legado de esperança, de indignação diante das injustiças, um homem de palavras e ações. Uma vida de compromisso com os menos favorecidos, uma vida de luta por justiça igualitária. Uma pedagogia revolucionária. A pedagogia freireana, a "pedagogia do diálogo", que trouxe dignidade, respeitando o educando e colocando o professor ao lado dele no processo educativo, como um ser que também busca. Como o aluno, o professor é também um aprendiz. Todos somos aprendizes. Esse é o legado de Freire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desta reflexão que efetuamos, diante do aqui ora exposto, nos perguntamos se: “A escola tem futuro?” (Marisa Vorraber Costa).

O requisito básico da escola é preparar seus alunos a compreenderem o tempo e o mundo em que vivem, procurando oferecer a possibilidade de nos tornarmos seres humanos dignos e realizados. Logicamente que nesse desenvolvimento outros fatores devem ser observados tais como: a formação familiar, os condicionamentos econômicos, sociais e culturais e emocionais de cada um.

Compreender o mundo é uma tarefa complexa e se torna um grande desafio. Não é simplesmente transmitir alguns conhecimentos básicos. A sociedade hoje exige novos conhecimentos, novos saberes. A tecnologia alcançou índices não imaginados com uma crescente mudança a cada dia, o que hoje é de determinada maneira, amanhã será diferente. O tempo empreendeu uma dinâmica diferente, mais acelerado.

Nesse sentido em meio a tantas novidades tecnológicas, procedimentos como ir a um banco e utilizar uma tela de computador, conversar pelo computador, mandar e-mail; para alguns idosos são desafios novos e que eles querem aprender e dominar as novas ferramentas e aplicá-las no dia a dia. Atualmente temos um novo universo cultural, cuja inserção representa a apropriação de vários conhecimentos.

A escola diante de tantas transformações desse mundo moderno e relações descartáveis parece ultrapassada, mas ela ainda tem uma grande importância, conforme cita Costa:

Isto porque, de uma maneira geral, como instituição, ela permanece ainda muito forte no imaginário da nossa cultura. Em 2002 publiquei um livro intitulado: “A escola tem futuro?”, para o qual entrevistei destacados educadores brasileiros. A conclusão mais importante deste trabalho foi à reafirmação da importância da escola. Parece que ela não carece de vitalidade e se mantém como uma instituição central na vida das sociedades e das pessoas. (COSTA, 2005, p. 100).

Com a Lei do Idoso de 1994 e o Estatuto do Idoso de 2004, notamos indícios importantes para se alcançar à inserção democrática desse segmento. A consolidação dessas conquistas evidencia a luta dos setores da sociedade comprometida com a ética e a cidadania para assegurar a todos os que envelhecem igualdade de direitos e possibilidades. Com esses movimentos houve um reconhecimento do idoso e a construção de uma nova imagem dos velhos. Hoje em geral os idosos lutam pelo seu direito de se expressar, de estar atuando, de fazer parte.

Pode-se perceber que com esses movimentos houve um reconhecimento do idoso e a construção de uma nova imagem da velhice. Esses movimentos possibilitaram a abertura de uma gama de oportunidades para os idosos, com as Universidades da Terceira Idade, cursos oferecidos por Associações de Aposentados, viagens, passeios, dança de salão, cursos de línguas estrangeiras e tantos outros.

Notamos também que os próprios idosos e idosas não são meros espectadores, mas sim atuantes. Sabemos que muitos idosos e idosas de acordo com o meio e as condições em que vivem, alguns até mesmo doentes e dependentes de outra pessoa, não têm acesso a estes tipos de atividades direcionadas a este público.

Esperamos que a visão de uma velhice caracterizada por doenças, senilidade, abandono, desprezo, solidão, incapacidade, seja cada vez mais substituída pela visão de um envelhecimento saudável, onde o idoso e a idosa ainda tem muito a oferecer a

sociedade e aos seus familiares, esperamos que haja além do que já houve, um reconhecimento de que há possibilidades de bem-estar e de continuidade de desenvolvimento e de encontrar maneiras de adaptá-los às mudanças rápidas que ocorrem em nosso mundo e conseqüentemente que os idosos e idosas possam ter uma crescente evolução para que conquistem cada vez mais qualidade de vida.

Vimos também, que o processo educativo resgata o valor da existência, permitindo a passagem da opressão para a liberdade, através das mãos de um educador que alfabetiza pelo diálogo e pela conscientização. O educando encontra um novo caminho, em que ele próprio busca as soluções para superar as barreiras que a vida lhe impôs, adquiridas no cotidiano, aprendendo a conhecer seus limites, seus problemas e os de sua comunidade, apropriando-se de sua história.

Aprendemos com Freire que o educador em substituição a “aula bancária”, deve abrir espaço ao professor comprometido e participante no processo, trocando aquele que sabe e ensina, por aquele que aprende ao ensinar, isto é, aprendendo é que se ensina, sendo o que importa é sempre aprender.

Estes alunos e alunas aqui relatados tem um desejo de encontrar novos caminhos, além daqueles que a vida lhes impôs, e esse querer representa uma necessidade, não imposta por outrem, mas porque assim eles decidiram, esse poder de decidir sobre sua própria vida; mudando dessa forma a história até então escrita pelos seus pais que decidiam se iam estudar ou não, depois o marido decidindo pelas mulheres, depois os filhos, os netos, a família sempre exigindo a presença constante e resignada.

Diante disso, nos perguntamos e o Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”, nesse contexto?

Analisamos que o “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos” diante desse quadro atual, se encaixa na pedagogia freireana de incentivar seus alunos a buscarem, além de ler e escrever, algo mais:

Na verdade, cada escola é produto de uma permanente construção social. Em cada escola, interagem diversos processos sociais: a reprodução de relações sociais, a criação e transformação de conhecimentos, a conservação ou destruição da memória coletiva, o controle e a apropriação da instituição, a resistência e a luta contra o poder estabelecido entre outros. (EZPELETA; ROCKWELE, 1989, p. 58).

O professor é um agente de transformação que deve incentivar seus alunos a buscarem a ampliação de seus conhecimentos, para criarem condições de também intervirem no mundo:

O professor é um [...] agente da formação integral dos alunos e, por isso, tendo o domínio das disposições pessoais para corresponder às exigências de seu tempo, pode criar condições para as mudanças sociais que se fizerem necessárias. Esta é a importante função social do mestre, de contribuição essencial para a formação de futuros cidadãos. (TURA, 2001, p. 51).

Percebemos que o “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”, incentiva e procura despertar em seus professores e alunos através de sua equipe pedagógica, essa relação de troca de conhecimentos entre alunos e professores através do diálogo sincero e produtivo que concretize em ações que reflitam na vida em comunidade de cada um:

O educador no diálogo com seus alunos, precisa lhes transmitir não só conhecimentos, mas também convicções. E, complementando seu assumido senso crítico, o educador socialista deve estar atento para o que lhe vem do lado dos seus interlocutores e que o auxilia em seu esforço de não perder seu senso autocrítico. A experiência não ensina que, se não levássemos em conta o que nos dizem os outros, não teríamos suficiente capacidade autocrítica e jamais poderíamos adotar o lema de Marx: “de omnia dubitandum” (duvidar de tudo). (KONDER, 2001, p. 21).

O programa como agente de conhecimento deve sempre estar avaliando sua prática para estar sempre acompanhando as mudanças que envolvem este público, contribuindo para que o preconceito ainda existente, sobre o envelhecimento possa ser superado, proporcionando conquistas pessoais e sociais:

A tarefa da educação não é simplesmente formar pessoas ajustadas à situação presente, mas pessoas habilitadas para operarem como agentes de desenvolvimento social, levando-os a um estágio avançado. (FORACHI, 1982, p. 156).

Nessa relação escolar, a prática vivenciada é de fundamental importância, pois de nada adiantaria palavras e mais palavras sem ações concretas que realmente fazem e refazem a vida. A realidade de certas situações só pode ser entendida ao serem vivenciadas:

Envelhecer nos tempos modernos pode significar um presente da alta tecnologia, de corrida contra o tempo, de produção e renovação de conhecimentos. Mas, para vislumbrarmos um futuro em que possamos viver como pessoas felizes, como cidadãos dignos e atuantes, é preciso não desprezar as vivências do passado, boas ou ruins, que deram certo ou não, pois elas podem gerar a força necessária para vivermos o amanhã. Além disso, é necessário olhar para dentro de nós mesmos e para as pessoas à nossa volta, a fim de resgatarmos as relações interpessoais e a confiança em nós mesmos e nos outros. (FREIRE; SOMMERHALDER, 2000, p. 134).

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês B de. (Orgs.). **Pesquisa no cotidiano no/das escolas: Sobre rede de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANDREWS, Garry A. Los desafios Del proceso de envejecimiento em lãs sociedades de hoy y del futuro. In: Encuentro latinoamericano y caribeño sobre lãs personas de edad, 1999, Santiago. Anais...Santiago: Celade, 2000. p. 247-256. (seminários y conferências – CEPAL, 2).

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: DIFEL, 1970.

_____. **A velhice: as relações com o mundo**. São Paulo: DIFEL, 1970.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197–221.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia.das Letras, 1994.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Editora Alínea, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 10. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o Cidadão?** Campinas, SP: Papyrus, 1991.

CARONE, M. **Resumo de Ana**. São Paulo. Cia das Letras, 1999.

CARTA das Responsabilidades Humanas: aliança para um mundo responsável, plural e solidário. São Paulo: Instituto Àgora em defesa do eleitor e da democracia, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A Escola tem Futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DAMKE, Ilda Righi. **O Processo do Conhecimento na Pedagogia da Libertação:** as idéias de Freire, Dussel e Fiori. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

DIREITO do idoso. Legislação Especifica: legislação no Brasil e no exterior: estatuto do idoso. Disponível em: <http://direitodidoso.braslink.com/05/estatuto_do_idoso.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2005.

ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Gostando de si mesmo: a auto-estima. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (orgs.). **E por falar em boa velhice.** Campinas: Papirus, 2000, p. 33-54.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. **Ana Maria Araújo Freire:** depoimento. [30 mar. 2006]. São Paulo, SP, 2006. Entrevista concedida pela professora, companheira e segunda esposa de Paulo Freire.

_____. **Nita e Paulo:** crônicas de amor. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos.** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d'água, 1995.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e Educação.** São Paulo: Olho d'água, 2001.

_____. **Política e Educação.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia. saberes necessários à prática educativa.** 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Educação e Mudança.** 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** São Paulo: Editora UNESP, 2001. Série Paulo Freire.

_____. **Pedagogia da Tolerância.** São Paulo: Editora UNESP, 2005. Série Paulo Freire.

_____. **Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis.** 2. ed. rev.

São Paulo: Editora UNESP, 2003. Série Paulo Freire.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FREIRE, Sueli Aparecida; SOMMERHALDER, Cínara. Envelhecer nos tempos modernos. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000, p. 125-135.

FREITAG, Bárbara; ROUANET, Sérgio Paulo. **Habermas**: sociologia. São Paulo: Ática, 1993.

GRAMSCI, Antonio. **A Política e o Estado Moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1976.

_____. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 2,4.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso>>
Acesso em: 12 jul. 2006.

KONDER, Leandro. Marx e a sociologia da educação. In: TURA, Maria de Lourdes Rangel (org.). **Sociologia para educadores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001, p. 11-24.

LAJOLO. Marisa, A. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1986.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

MENEGON, Vera. Por Que Jogar Conversa Fora? Pesquisando no Cotidiano. In: SPINK, Mary Jane (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999, p. 215-241.

MOTA, Aldenira; PACHECO, Dirceu Castilho. **Escola em Imagem**. Rio de Janeiro: DP &A, 2005.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió: EDUFAL, 1999.

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.) In: BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 17-144.

NOSELLA, Paolo. A escola Brasileira no final do século: um balanço. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do Trabalho**: perspectivas de final de século. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 166-188.

NOVO Dicionário. **Aurélio Básico de Língua Portuguesa** – Folha de São Paulo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

Paulo Freire: a utopia do saber. **Revista viver mente e cérebro**, coleção memória da pedagogia. São Paulo: Ediouro, segmento-Duetto Editorial Ltda., n. 4, 2006.

Perspectivas para o novo milênio. **Revista viver mente e cérebro**, coleção memória da pedagogia. São Paulo: Ediouro, segmento-Duetto Editorial Ltda., n. 6, 2006.

QUINTANA, Mário. **Melhores Poemas de Mário Quintana**. 14. ed. São Paulo: Global Editora, 2000.

REIGOTA, Marcos. **Iugoslávia**: registros de uma barbárie anunciada. Santa Cruz do Sul. RS: EDUNISC, 2001.

Revista Educação, Porto Alegre, ano 9, n. 100, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/neccso/Depoimento%20Revista%20Educação%20Marisa%20Costa.2005.doc>> Acesso em: 25 jan. 2006.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. (coord, e texto final). **Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1997.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, Andréa Temponi dos Santos; SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (orgs.). et. al. **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 91-100.

SERASA. **Guia do idoso**. Disponível em: <<http://www.serasa.com.br/guiaidoso/18.htm>> Acesso em: 16 jan. 2006.

SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **O Conhecimento no Cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SUDBRACK, Edite Maria. **Demitidos da Escola**: um outro olhar sobre a exclusão. Rio Grande do Sul: Ed. da URI (Universidade Regional Integrada), 1997.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. et al. **Sociologia para educadores**. 2. ed., Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

UNIVERSIDADE DE SOROCABA. **Projeto político-pedagógico**: do “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”, 2004.

UNIVERSIDADE DE SOROCABA. **Catálogo institucional**: Portaria MEC n. 2864/2005. Disponível em: <<http://www.uniso.br/catalogo/apre.asp>> Acesso em: 27 jul. 2006.

VANNUCCHI, Aldo. **Aldo Vannucchi**: depoimento. [20 mar. 2006]. Sorocaba, SP, 2006. Entrevista concedida pelo professor e Reitor da Universidade de Sorocaba.

_____. (Org.). **Paulo Freire ao vivo**: gravação de conferências com debates realizadas na Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Sorocaba (1980-1981). 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

VILELA, Rita Maria Teixeira. Max Weber – 1864-1920. Entender o homem e desvelar o sentido da ação social. In:TURA, Maria de Lourdes Rangel (org.). **Sociologia para educadores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001, p. 63-96.

APÊNDICE A

ENTREVISTA REALIZADA COM PROFESSOR ALDO VANNUCCHI, REITOR DA UNIVERSIDADE DE SOROCABA – UNISO, NO DIA 20 DE MARÇO DE 2006, ÀS 14:00 HORAS:

Prof. Aldo: Fiquei muito contente de ter sido convidado; sempre fui muito amigo do Paulo Freire, devo favores a ele, e isso aqui é o mínimo que eu poderia fazer em memória dele.

P-Quando Freire esteve na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, para a série de Conferências que foram realizadas entre 1980-1981, o que ele representou, ou acrescentou na época para a faculdade e para os alunos?

R-Como eu trabalhei com ele um ano e meio no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, em 1980 eu era diretor da Faculdade de Filosofia e o convidei pra vir aqui, ele aceitou imediatamente e veio várias vezes, e dali nasceu o livro “Paulo Freire ao vivo” (Edições Loyola), com as palestras dele gravadas e depois revisadas por ele.

Com essas palestras a intenção da gente foi, precisamente, fazer com que na Faculdade de Filosofia e não só no curso de Pedagogia, mas em todas as nossas licenciaturas, houvesse uma aragem nova na linha do pensamento dele, um sopro de renovação dentro do pensamento dele. Você sabe que um diretor ou um reitor não são donos do pensamento da Faculdade ou da Universidade, nem devem ser, principalmente na Universidade, local chave do pensamento plural. E a vinda dele, na minha intenção, era fazer com que (em 80 ainda era ditadura) se retomassem aquelas idéias de antes do Golpe, idéias de uma educação libertadora basicamente, uma

educação libertadora que, no fundo, é o respeito pela pessoa do educando, seja criança de pré-escola, seja alguém do ciclo de educação de jovens e adultos.

P- Segundo a apresentação no livro sobre aquelas conferências, nessa época a Faculdade estava realizando o “Projeto Vivendo e Aprendendo”, com três objetivos, sendo dois deles:

-“buscar uma ação educativa que leve à intervenção na realidade e à sua valorização, ou seja, a aprender com a vida”;

-“descobrir propostas alternativas de ação que estimulem a reflexão sobre como mudar nossa prática, para que a educação desempenhe um papel conscientizador e transformador da realidade”;

Isso de fato ocorreu em algum momento e como se desenvolveram esses objetivos e que resultados práticos foram efetivados?

R-Eu lembraria dois pontos. Primeiro essa renovação, esse impulso para uma educação libertadora era na linha de ligar teoria com a prática, vivendo e aprendendo, batendo muito forte na idéia de que ninguém é ignorante, sem valor. Todos sejam analfabetos, criança, jovem ou adulto, todos são pessoas que têm um cabedal de conhecimento na prática, pela prática da vida. A moça que trabalha em casa sabe várias coisas que eu com curso superior não sei fazer; aquele homem que passa pela rua, com roupa modesta, de cabeça baixa, ele certamente sabe coisas que eu não sei. Então o Vivendo e Aprendendo era nessa linha de fazer com que o aluno, sobretudo de Pedagogia, valorizasse muito a classe, o aluno, a criança, o jovem, quem quer que fosse que esteja na frente dele para o processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto muito prático que a vinda de Paulo Freire motivou foi que, a partir dessas palestras, a Faculdade partiu para um trabalho de criação em Sorocaba de união das associações de Moradores de bairro, a USABS - União das Sociedades de Amigos de Bairro de Sorocaba. E isso exigiu muitas reuniões (você não imaginam como é difícil trabalhar com associação de bairro, porque justamente é uma entidade que nasce de alguma liderança, e é bem vinda, mas essa liderança, muitas vezes, divide). Sorocaba, naquela época, tinha umas trintas associações de bairros, registradas e cadastradas na Prefeitura, então a gente percebia que a força delas era muito fragmentada. Teriam muito mais força se unissem-se para reivindicar a solução de problemas da cidade, como transporte coletivo, saneamento básico, habitação, iluminação pública, e na Faculdade a gente fez várias reuniões, muitas reuniões, convidando, convidando, convidando, reuniões às vezes com 5 ou 6 representantes, às vezes 20, até que foi registrada a Associação. Associação que trabalhou acho que dez anos, e hoje infelizmente está inativa, devido a uma liderança muito negativa que contestou certas coisas, e hoje nem sei como está. De qualquer forma, foi um momento importante na vida de Sorocaba, na vida política e, no despertar da consciência dessa população dos bairros.

P- Na mesma apresentação no livro com as conferências de Freire o senhor escreveu que, durante todo o processo escolar, o conteúdo do ensino está desvinculado da realidade, o senhor ainda tem essa opinião? E como ligar o ensino à realidade?

R- É uma afirmação global que supõe, evidentemente, exceções. Vocês, colegas de vocês e muita gente aí, já estão nessa linha há um bom tempo, de conjugar teoria e

prática, realidade e escola, Piaget e realidade, Paulo Freire e a sala de aula. Acho que, por outro lado, essa chamada é importante, é muito importante, porque essa é uma das grandes tentações, um dos grandes perigos do mundo universitário, do professor, não só universitário, mas também do ensino médio e até do básico, essa tentação de não digo ostentar teoria e saber, mas esquecer a união da teoria com a prática. A palavra do professor é a oralização do seu pensamento, é o sopro que concretiza as suas idéias. Mas as idéias dentro só do mundo cerebral não mudam o mundo e nem a própria pessoa, porque não comprometem. A palavra, filosoficamente, é algo essencial ao ser humano e essencial à sociedade humana, porque é impossível ser humano sem se comunicar. Então, a vinculação com real é justamente tudo isso, porque se a minha palavra não se ligar à realidade é palavra vazia, sem sentido. É como se alguém viesse conversar comigo em chinês. Vai ser difícil, os dois vão tentar se comunicar apenas por gesto, tentar furar a barreira da língua, sem chegar à realidade, a realidade de quem fala, de quem ouve e vice-versa.

P-No seu entender atualmente a Uniso tem em sua prática pedagógica, ações que refletem o pensamento e a obra de Paulo Freire? Se a resposta for negativa, porque a dificuldade, o que impede que isso seja realizado?

R-Eu acho que a Uniso está na linha do Paulo Freire, tanto nas opções institucionais como na prática habitual. Você sabe que um dos princípios da vida universitária é a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão. Não pode haver ensino, não pode haver sala de aula, não pode haver leitura e biblioteca, não pode haver excursão, não pode haver visita a museu, não pode haver uma exposição, uma visita à feira de livros, à Bienal, sem a preocupação de aprender, de ensinar e aprender,

e isso ao mesmo tempo em que é um estudo, é uma busca, é uma pesquisa, e a pesquisa é sempre um esforço para sair do lugar comum, do trabalho habitual, das limitações pessoais e se estender pra mais longe. Então, ensino, pesquisa e extensão, essa indissociabilidade é batida e rebatida na Uniso freqüentemente, especialmente com o corpo docente, nas reuniões dos professores, nos fóruns de graduação, de pós-graduação, no Mestrado. A pesquisa é outra urgência da Uniso que é uma Universidade nova, tem 11 anos apenas, mas já temos 45 ou mais projetos de pesquisa oficiais caminhando, e outros já concluídos. Temos já o Mestrado em Educação e, nesses dias deve ser aprovado pela Capes o de Comunicação e estamos preparando os Mestrados em Farmácia e em Desenvolvimento Regional. São Mestrados muito importantes, numa linha muito aderente à realidade de Sorocaba e região. São Mestrados que não nasceram aqui da cabeça da Reitoria ou de um esforço político de alguém, mas de uma germinação do que nós somos interna e externamente, do que nós temos, do que nós podemos. Fica, assim, muito claro que a prática da aderência à realidade na Uniso está demonstrada nessa busca da pesquisa, e exemplarmente nessa preocupação com os seus Mestrados e com o projeto de implantação do nosso Doutorado em Educação. Vocês que estão aqui talvez sejam a primeira turma desse Doutorado, daqui a uns dois ou três anos. O outro lado dessa visão de aderência à realidade está especialmente também na nossa Extensão.

A extensão é uma marca muito forte da Uniso. Estamos realizando inúmeros projetos com a Prefeitura, projetos com o Conjunto Hospitalar, com Centros de Saúde, com empresas, com associações de bairros, com paróquias, com muitas outras entidades, justamente nesse esforço de estar presente na realidade de Sorocaba e da

Região, inclusive com o “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”, programa de Educação de Jovens e Adultos, que hoje tem mais de 2 mil alunos em dez cidades da Região.

P-O legado de Paulo Freire é concreto e atingível em toda sua obra ou em determinadas circunstâncias é uma metodologia difícil de ser aplicada em sua essência? E hoje o que representa a obra de Paulo Freire para a alfabetização de jovens e adultos no atual contexto político e pedagógico, no Brasil e no mundo?

R-A continuidade do pensamento de Paulo Freire, a fidelidade a esse pensamento está precisamente no esforço de não simplesmente alfabetizar, mas de formar cidadãos. É um esforço e eu sempre cobro da coordenadora do nosso Projeto de Alfabetização, se realmente esse alunado está sendo despertado para a cidadania, porque todos são sujeitos de direitos e deveres e a gente quer que esse trabalho, que é na grande maioria, de professores voluntários, seja um trabalho realmente de convicção, para fazer com que a cidadania mais que uma palavra da moda seja um esforço presente de pessoas que vão assumindo a sua própria dignidade. Acho que é nessa linha que o nosso trabalho procura concretizar aquele pensamento que é a utopia de Paulo Freire, utopia no sentido real, de algo ainda não concretizado, mas que, pouco a pouco, vai sendo atingido.

P-Quando falamos de pessoas adultas que não tiveram oportunidade de estudos na idade certa, e depois voltam a estudar, verificamos que essas pessoas têm uma vivência rica, ou seja, dentro do pensamento de Freire possuem “a leitura de mundo, mas não a leitura da palavra”, dentro dessa idéia de Freire o que o senhor acrescentaria a esse respeito?

R-A tal leitura de mundo é palavra muito usada por Paulo Freire. Hoje a gente tem que fazer, viver, lutar por aquilo que realmente ele faria, diria, lutaria hoje, ou seja, a realidade atual. Paulo viveu as primeiras décadas da globalização e hoje nós estamos já totalmente imersos no mundo globalizado. Basta ver aquele netinho, aquela criança, sobrinho, ou filho de vocês de três, quatro anos que já manipula o computador, coisa impressionante, não só manipula, como às vezes é o socorro do avô ou da avó, nessa área. Hoje, a globalização e a tecnologia desenfreada, fazem com que o pensamento humano seja atingível em qualquer parte do mundo geograficamente falando e por qualquer pessoa do mundo teoricamente falando. Evidentemente, é preciso que a pessoa seja alfabetizada, que a pessoa tenha um mínimo de condições econômicas. Quanta gente no desemprego, na miséria, não tem essa oportunidade que nós temos, mas essa realidade atual faz com que o ideal utópico de cidadania, de libertação, de afirmação da dignidade da pessoa, não apenas como número, como máquina, como peça da engrenagem, mas como sujeito histórico, como cidadão, como ser ativo exige justamente isso, essa participação, essa consciência. Não adianta você ficar falando mal da globalização, da pornografia ou da pedofilia, através da Internet, da perda de tempo, de tanto spam, de tanto e-mail besta, de tanta oferta de mercadoria material ou humana via Internet, não adianta. Você tem que ter o crivo, o discernimento, fazer a crise de tudo.

P-Como foi para o senhor viver, estar no exílio com Paulo Freire, dois brasileiros na mesma situação em Genebra, convivendo e trabalhando juntos?

R-Foi um tempo muito bom. É claro que viver fora do país é muito difícil. Eu me lembro quando cheguei em Genebra dia 10, 11 de julho, logo no dia seguinte comecei a

procurar emprego na Unesco, na Nunciatura Apostólica, na Organização Mundial de Saúde, mas daí um amigo norte-americano muito bom que viveu na Argentina e trabalhava no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, que é uma entidade que sempre trabalhou pelos direitos dos presos políticos de todos os países, me recebeu e me contratou. Lá estava Paulo Freire. Eu tinha uma carta de apresentação daqui da CNBB, falando sobre meu trabalho e consegui esse emprego, com salário suficiente pra alugar um apartamentozinho, naquele trabalho tinha contato diário com o Paulo. Não tão diário, porque o Paulo viajava muito pelo mundo todo, mas sempre que ele estava lá à gente estava junto. Ele firmou um compromisso comigo, de toda quarta-feira jantar no apartamento dele. Paulo era um sentimental de marca maior, e a sua comida tinha que ser brasileira. Viveu dez anos lá no Conselho Mundial de Igrejas onde a língua era inglês, francês e espanhol. Não aprendeu nada de francês, ele tinha uma repulsa ao francês, mas se virava bem no inglês e espanhol. Minha intimidade com ele era muito boa. Lá eu conheci à senhora dele, dona Elza. Essa merece um livro! Dona Elza foi professora primária, grande apoio dele, ela era pé no chão, ele muito sonhador, sentimental. Parece, lendo os seus livros, que ele tem grande gosto pela teoria, mas na verdade uma teoria que está sempre bafejada por alguma coisa concreta, prática e linda. Nessas conversas na casa dele, era o Brasil o assunto. Mas Paulo Freire não foi herói, um semideus. A realidade na vida de Paulo era também marcada por doenças, o exílio, os filhos morando longe, a luta contra outras línguas, a repulsa às outras dietas alimentares, a necessidade de estar sempre num assento de avião. Quem faz muito isso sabe que é muito cansativo. Outra coisa: ele tinha carro, um bom carro, mas não tinha carteira e nem dirigia, então parecia que eu era dono carro e ele o caronista. Que mais e eu posso dizer dessa convivência. Paulo era respeitadíssimo no Conselho, era a

voz oficial no reino da educação, lá no Conselho Mundial de Igrejas, havia outros, mas ele era o principal. Um dos trabalhos que fiz com ele, foi em espanhol, com a colônia espanhola que trabalha em Genebra, não diretamente com os cidadãos espanhóis que lá trabalhavam, mas com os padres espanhóis que trabalhavam na Suíça com a colônia espanhola, uns vinte mais ou menos. Paulo é que foi convidado, mas ele dividiu comigo e fez somente a abertura e as outras palestras ele pediu que eu fizesse sobre a “Pedagogia do Oprimido”, para o conhecimento daqueles jovens padres espanhóis.

P-No livro “Ação Cultural para a Liberdade” (1982) pg. 49, Freire diz: “Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”. O que o senhor acrescentaria a esta fala de Freire?

R-Em parte já respondi, quando falei da importância da palavra, o que eu posso acrescentar sobre o que a gente já discorreu um pouquinho é atualizar, melhor dizendo, contextualizar essa palavra do Paulo hoje, porque há perigo nesse trabalho de educação de jovens e adultos. O programa da Uniso, algum programa social ou um programa do Governo nessa área, por mais bem intencionados que sejam, precisam ser realmente respeitosos, ou seja, sempre considerar que esse cidadão que ainda não domina a escrita e a leitura tem tudo para dominar a convivência social, dominar não no sentido de ser o dono, mas dominar no sentido de ele não ser absorvido, no sentido de ser sempre sujeito criativo, sujeito responsável e respeitável. Esse esforço é muito

sério, a gente às vezes vê os governos federal, estadual, municipal, as Ongs, as Universidades, as vezes os próprios alfabetizadores, muito preocupados com números: “vamos diminuir o número de analfabetos, vamos atingir tal número”. A questão não é bem essa, a questão seria: vamos fazer com que os trintas alfabetizados desse bairro, desse grupo, dessa paróquia, passem a assumir o seu papel nesse bairro, nessa paróquia. Assumir como gente que atua na comunidade, que tem algum papel dentro dessa comunidade, isso que é muito importante. Fico triste quando vejo que tem gente que é manipulada na paróquia e é usada pra lavar a igreja, pra varrer a igreja, pra ajudar o padre na missa. Não é sub-utilização, isso é infra-utilização, isso é um desrespeito, aquela pessoa que varre a igreja uma vez por semana, já aposentada, generosa, não está fazendo nada indigno, mas precisa também ser convidada a dizer a sua palavra na reunião do Conselho Paroquial. Ela precisa também ser ouvida pelo padre que tenha a coragem de, às vezes, fazer uma reunião com o pessoal da liturgia, não pra dizer: “Olha, domingo que vem o bispo vem aí pra fazer isso, isso e isso”, mas que ele convide aquele o pessoal pra perguntar “o que vocês estão achando do meu sermão”. Aí é gente ativa, aí é gente que tem algo pra dizer a própria palavra. Isso é exemplo bem concreto de como a palavra do Paulo Freire no contexto atual de mundo acelerado, de mundo globalizado, de mundo de super bombardeio de informações a gente não pode esquecer, não pode acreditar que só o chefe, só o líder conhece as coisas, mas lembrar que todos têm possibilidade de estar bem informados e ter informações que às vezes escapam, precisamente porque o padre, o pastor, o professor, o doutor, o chefe, estão numa linha de preocupações diferentes. Podem não estar sabendo nada do problema da falta d’água no bairro, na cidade dele. Quantas vezes você, professor, chega de outro bairro melhorzinho e vai ali dar aulas e fala de

ciências, geografia, aritmética, e não tem nada a ver com a falta d'água daquela criança que veio sem banho, ou outras coisas. Acho que Paulo Freire em Sorocaba hoje, atuaria mais ou menos nessa linha, de encarnação, de contextualização o máximo possível.

P- Qual o impacto do termo “conscientização” na obra de Paulo Freire?

R- A palavra conscientização parece que caiu de moda, inclusive muita gente a criticou, mas o que o Paulo queria dizer era fazer com que a consciência (vejam que palavra rica, consciência, ciência com os outros, ciência com respeito da realidade, ciência com consciência) seja mais que a capacidade de estar consciente do que eu estou fazendo, do que eu sou. Essa é uma visão muito egoísta, muito intimista, muito privada dessa palavra fortíssima. Filosoficamente, consciência é justamente esse saber conectado, primeiro intimamente. O meu saber não pode ser um saber bruto, maciço, fechado. Tem que ser um saber impregnado de emoção, de sentimentos, de memória, de imaginação, porque nós somos tudo isso. Quando alguém diz: - Tenho consciência de que essa não é a mulher da minha vida, tenho 18 anos, fiquei uma noite, uma balada, depois foi bom, dali uma semana ou duas ele abre os olhos, se for refletir pode e deve chegar a essa consciência. Deve refletir, deve pensar, ter um conhecimento, uma ciência plena daquela situação, ela é realmente aquela que eu quero, então aí entra imaginação, sentimento, memória, emoções, nem só a emoção nem só a razão. É um conhecer englobante. Tem gente que pensa que filósofo é o cara que é só razão. Não é, se você olhar Sartre, ler Marx, o próprio Descartes, tão racionalista, eles tinham também a parte emocional evidentemente. Aliás, tudo começou na vida de Descartes com aquele sonho do método da razão clara e distinta. Houve também o célebre estalo

do padre Vieira. De repente, ele teve uma iluminação, a vida dele mudou e ele se tornou o maior orador sacro da língua portuguesa. Em suma, para responder a sua pergunta, quando Paulo falava em conscientização ele queria isso que a pessoa imergisse, mergulhasse na realidade total, ela toda e não simplesmente conscientização no sentido particular, íntimo e na realidade toda do mundo.

P-Freire via a “Educação como prática da liberdade”, como isso é possível hoje?

R- Penso que quem se auto-respeita, quem procura valorizar a própria palavra, aprende a usar da própria liberdade de uma forma muito responsável. Esse é o dilema, esse é o paradoxo de exercício da liberdade: todo ser humano é livre? É livre! Mas todo ser humano sabe ser livre? Toda liberdade é necessariamente responsabilidade, porque a liberdade, não é a possibilidade de fazer o que a gente quer, mas de fazer o que a gente deve e pode fazer. Se a gente fosse livre mesmo pra fazer o que quer, a gente não seria livre, seria irresponsável, porque desde que o nascer até as limitações da última idade e da morte, a gente está sempre desafiado entre fazer o que papai mandou ou bater o pé, entre ir à escola ou não, entre prestar atenção ou não prestar atenção, entre namorar ou não namorar, entre levar a sério o emprego ou não. A vida toda a gente sempre está livre e ao mesmo tempo responsabilizado. Então, liberdade não é liberdade pra fazer o que a gente quer, mas liberdade pra fazer o que a gente deve e pode fazer. Conseqüentemente, se alguém conhece a “Pedagogia do Oprimido” e a “Pedagogia da Autonomia”, a obra enfim do Paulo Freire, acho que entende e pratica a liberdade sempre conjugada com responsabilidade, senão não vai ser um pedagogo, não vai ser um grande professor, uma excelente professora. A própria vida do Paulo Freire mostra a liberdade dele na primeira fase, nascimento no Recife até o

exílio, 1921 a 1964. Primeiro, os belíssimos anos de criança feliz. Foi alfabetizado no quintal da sua casa. Aquele mundo tão pequenino do quintal, como Paulo diz, acabava sendo o mundo, a terra, a árvore, as plantas, uma galinha, um gato, cachorro, papagaio, passarinho. Foi ali nesse mundo aparentemente tão pequeno que ele aprendeu a ler. Era a liberdade da vida familiar. Depois o colégio e a Faculdade. Mais tarde, no Golpe de 64, preso, sua liberdade dele suprimida. Ficou na embaixada da Bolívia no Rio, depois foi pra Bolívia, conseguiu emprego, mas a altitude de La Paz é perigosa pra muita gente, aí ele conseguiu ir pro Chile. Lá conviveu com gente muito importante, não todos com a mesma cabeça, mas gente que foi exilada como ele, todos contra o Golpe. Depois, foi para os Estados Unidos, a convite de Harvard, e para Genebra. Volta ao Brasil em 79, e continua numa liberdade vigiada, mas sempre mostrando que a liberdade é irmã gêmea da responsabilidade. Foi um ser livre sofrendo as repressões injustas na sua liberdade, mas com responsabilidade. Esse o pensamento do Paulo, que o professor mostre em sala de aula o valor da liberdade, o valor dessa liberdade responsável e dessa responsabilidade livre, porque senão a gente vai ser sempre joguete na vida. Afinal, eu sou bom professor, porque eu quero ser, ou porque eu tenho medo da supervisão e da direção,? Até que ponto essa liberdade é uma liberdade criativa, que me faz preparar bem cada aula, por exemplo.

P-No livro “A Pedagogia do Oprimido”, (17ª ed. 1987), pg. 30, Freire diz: “A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos

opressores e esta, o ser menos”. Ainda hoje poderíamos dizer que esta fala de fala de Freire continua válida e atual?

R- Eu acho que esse jogo entre humanização e desumanização é polêmico. O esforço pessoal do professor, de cada um de nós é precisamente crescer em auto-humanização porque ninguém nasce maduro. Seria um monstro um neném falando, pensando, discutindo. O bonito, o belo do existir humano é precisamente esse desabrochar permanente inclusive na terceira, na última idade, a necessidade de a pessoa entender o processo humano como um processo evolutivo. Posso, com 70 anos, não ter mais a agilidade motora, mas, em compensação posso e devo ter mais abertura para o universal, mais capacidade de discernimento, mais capacidade de pesar os fatos, mais possibilidade de exemplaridade. Não que eu seja um exemplo de tudo, mas no sentido de eu poder repercutir, idéias, pensamentos, atitudes que provocam também a humanização dos outros. A tal sabedoria do velho, do ancião, não é só proverbial, mas é uma sabedoria no sentido de que ele, quando realmente é, porque há muito velho horrível, “puer centum annorum”, menino de 100 anos, isso é terrível. Pessoa de 60, 80 anos com atitudes infantis! O ideal é que nós cheguemos à maturidade com 50, 60 anos com equilíbrio. O ideal é ter uma maturidade que mostre que se está num processo de humanização. Eu vi isso na vida do Paulo Freire. Ele era bem limitado fisicamente, cansava fácil, chegava do serviço, às vezes, com enxaqueca prolongada, cansava muito com conversas e ele era muito requisitado, para entrevistas, até porque Genebra é uma cidade universal, muito cosmopolita. Chegava gente todo dia, chegava gente do Japão, da Áustria, do Chile, do Brasil, e todo mundo queria vê-lo. Queria uma palavra dele, queria prefácio de novo livro. Muita gente escreveu sobre ele

e queria a opinião dele. Nunca vi rispidez nele. O que era isso? Era um processo evolutivo de humanização. Essa humanização proposta no pensamento pedagógico de Freire deveria ser uma preocupação nossa. O pensamento do Paulo nos ajuda a ser mais gente. Não é apenas um pensamento pra usar na aula, na minha escola, mas é um pensamento que nos ajuda a ser gente, porque toca na liberdade, toca na humanização, toca na importância da palavra, no fundamento universal da vida que é o diálogo.

APÊNDICE B

ENTREVISTA REALIZADA COM ANA MARIA ARAÚJO FREIRE, NO DIA 30 DE MARÇO DE 2006, ÀS 16:00 HORAS:

P- Para a senhora, Freire desenvolveu um “método de alfabetização” ou uma “concepção de educação? Ou ainda uma ”teoria de conhecimento?”.

R-Essa sua primeira pergunta eu acho super importante porque uma de minhas lutas agora, recentemente, com as pessoas que participaram da elaboração do Projeto Memória da Fundação Banco do Brasil foi exatamente sobre isso. Falo dessa experiência por que ela é exemplo da confusão que muita gente faz: reduz a compreensão de educação de Paulo, sua ”teoria de conhecimento” à simplesmente um “método de alfabetização”. Você ouve em todo lugar, lê que Paulo criou um método de alfabetização! Paulo não criou apenas um método de alfabetização, ele criou uma nova concepção de educação, “uma certa compreensão de educação”, como preferia dizer. E esta compreensão é uma compreensão teórica. Teórica porque ele testou na prática e voltou à teoria e foi sempre fazendo esse movimento da sua compreensão reflexiva para a prática e desta voltando àquela, aperfeiçoando a sua compreensão de educação.

Então, o que ele criou é uma teoria, é uma epistemologia. Reduzir Paulo a um cara que fez um método de alfabetização é no mínimo minimizar a sua inteligência, a grande obra dele. Há um método de alfabetização dentro dessa compreensão, mas seu pensamento não se reduz a isso.

Ele dizia --- por que compreendeu que os que permanecem analfabetos/as --- é ter roubada uma das coisas que é da essência do homem e da mulher; que faz parte da sua ontologia, faz parte da natureza humana, que, é o direito de ler e escrever a palavra. Há nessa compreensão uma ética política até antes mesmo da educacional. Então, partindo desses princípios, dentro dessa compreensão humanística Paulo criou um método de alfabetização.

Daí você me pergunta: “Nita, é ontológico porquê? É ontológico porque no momento em que nós nos desprendemos das quatro patas no chão, nos levantamos e andamos, ficamos com duas mãos, com duas patas que transformamos em mãos, livres, e esse foi o primeiro ato inteligente do homem e da mulher. Daí, fomos criando, já como diferentes, seres fundamentalmente diferentes do que tínhamos sido, usando as mãos como um utensílio diferente do que era antes, já como alongamento de nosso corpo. Já podíamos levar a comida à boca e não mais encostar a boca no chão catando comida ou na árvore para arrancar o alimento --- e assim sucessivamente aumentando nossas capacidades inteligentes nós fomos nos fazendo homens e mulheres.

Nesse construir a cultura, a comunicação que a princípio era de grunhidos e sons os mais onomatopéicos possíveis, fomos verificando a necessidade da comunicação mais rigorosa, uma comunicação mais elaborada. Inventamos a linguagem falada como necessidade da organização desses homens e mulheres. Já não era possível deixar apenas os desenhos das cavernas, mas também alguma coisa que dissesse mais sobre os fatos concretos da vida do que os animais pintados representavam. Começamos a pensar e também em registrar as idéias que iam se desenvolvendo e estas precisavam de outras linguagens. Uma linguagem que deveria ser muito mais

precisa, mais eficiente. Então, se criou um código escrito: para cada palavra falada, para cada coisa, para cada fenômeno uma palavra. Para cada objeto um nome falado e sua representação escrita. Isso, portanto, foi fazendo parte do ser humano, da ontologia do homem e mulher. Conseqüentemente, então é um direito que toda pessoa que nasceu tem: saber ler e escrever a palavra.

Portanto, no momento em que as sociedades se organizam intencionalmente deixando grande parte da população sem ler e escrever se está roubando um direito ontológico dessas pessoas.

Foi desses princípios éticos e políticos, humanistas por natureza, que Paulo partiu para compor a sua teoria, a sua compreensão da educação, mesmo que ele não tenha tido na ocasião uma percepção clara de que era mais político do que educador. Poucos anos depois ele vai ver, vai constatar, vai proclamar: “Eu estou fazendo uma coisa política, muito mais que educativa”. Por isso é que ele dizia: “Eu sou mais um político-educador do que um educador-político”.

P- Qual a influência teórica que serviu de base para o pensamento de Paulo Freire nos últimos dez anos de sua vida?

R- É engraçado, não sei se eu diria que a influência teórica maior nos últimos dez anos de sua vida foi dele mesmo, de suas intuições, de suas percepções, de suas reflexões, de seus próprios escritos e de algumas leituras novas. Mas quando Paulo estava se preparando para ler mais--- e era exatamente sobre ética ---, tínhamos comprado, ele comprou mais de vinte livros um mês antes de morrer, na nossa ida aos Estados Unidos ---desde os pensadores da Idade Média e foi escolhendo até os pensadores atuais dos Estados Unidos, da Europa, eram todos livros sobre ética.

Agora quais foram outras influências teóricas nele, eu diria que a influência teórica maior em Paulo --- muitos dos quais ele superou por que caminhou mais do que aqueles que o influenciaram --- começaria pelos pensadores africanos. Há em Paulo um pouco de Nyèrere, muito Franz Fanon, Albert Memmi e Amílcar Cabral. Foram esses os que ensinaram muito a Paulo, não foram nos dez últimos anos de vida dele, mas a partir dos anos 70 e 80, mas que ele nunca abandonou. Estes muito mais do que o pensamento europeu ou o norte-americano, em décadas anteriores, dos 40 aos 70.

Você, Márcia, pode ver pelas próprias citações dos últimos textos de Paulo, que ele se refere muito a esses pensadores. Também não se limitou a esses, citou alguns europeus e pensadores das Américas. Marx, Paulo sempre citou, nunca o abandonou, embora ele tenha revisto Marx, e algumas afirmações de Marx. Paulo avançou, e isso é natural que um intelectual seja num determinado ponto da vida social superado por outro ou outros que o pensaram, historicamente. Há influência também de Erich Fromm, de Marcuse, de Emanuel Mounier. Enfim, há em Paulo, ninguém pode negar, algumas influências, sobretudo a dos fenomenologistas, a dos existencialistas e a dos “marxistas”, mas ele criou um pensamento próprio, a partir de sua recifencidade, absolutamente revolucionário. Do que via, do que sentia, do que intuía, do que a dura realidade nordestina lhe fazia sentir/pensar. Publiquei numa das minhas notas do livro de Paulo *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, uma enorme lista dos autores que Paulo leu. A reproduzi na biografia dele que acabei de escrever.

P- Na Revista Viver Mente e Cérebro, nº 4, 2006, p. 26, texto Utopia Peregrina, a senhora escreveu “O sonho de Paulo foi, indubitavelmente, o de que todos os seres humanos, independentemente de cor, religião, raça, etnia ou sexo, possam ser gente.

Gente que leia e escreva entendendo a palavra, lendo o mundo...Gente que possa sonhar os próprios sonhos e trazer consigo os de sua família e da sua sociedade para transformá-la. Gente que possa entender que ‘mudar é difícil, mas é possível’”.

Como realmente isso é possível diante das políticas educacionais que não abrangem a todos, diante de tanta exclusão, e diante das desigualdades que permeiam nosso dia a dia?

R- É exatamente porque existe isso que a gente pode, que a gente tem a possibilidade de mudar. No momento em que a gente percebe os problemas de nossa sociedade, que a gente os verbaliza, que a gente assim está criticamente denunciando os problemas, é através desse mecanismo que denunciando, anuncia --- dialética que Paulo usou muito. Quero dizer, no momento em que você denuncia, você já está anunciando, porque antes de você ter consciência disso você não poderia mudar, não teria possibilidade de mudança. No momento em que você denuncia, você cria neste momento, inicia neste momento uma coisa diferente, e essa coisa diferente é o anúncio que cria a possibilidade da transformação da sociedade.

Entretanto, esclareço agora, quando eu digo aqui que “mudar é difícil, mas é possível”, que é uma frase que Paulo disse muito, muitas vezes nos últimos anos de sua vida, quero enfatizar que é muito difícil realmente mudar.

Mas, mesmo que, as políticas públicas não estejam nesta direção da transformação, é possível fazer como Marcos [Reigota] faz na sala de aula, como eu fazia, e outros tantos e tantos amigos professores/as vêm fazendo. Você Paulo Germano também deve vir fazendo o que dá para fazer e também o que devemos fazer. Então, são algumas atitudes que mesmo pequenas, ações incisivas, afirmativas

de que “um outro mundo é possível”, que se cria a possibilidade de se desmontar essa grande muralha de “impossibilidades”, essa política que está aí. Davi derrotou Golias; esse caseiro de Brasília que foi ofendido por um poderoso Ministro de Estado, mesmo que ele estivesse comprometido com o PSDB, não importa, e até muito possivelmente, está, mas de qualquer maneira foi ele que deflagrou a queda, uma crise no cerne do governo. E isso é o resultado exatamente da fraqueza do mais fraco que se transforma, contraditoriamente, em força. É isso que Paulo dizia: a força do mais fraco reside na fragilidade do mais forte...

Então é nesse jogo de contradições que a gente pode ir mudando, mesmo que lentamente, dificilmente mudando a nossa sociedade. Mesmo que tenhamos “perdido o nosso endereço”, agora com Lula, pois perdemos, em verdade, com a eleição e chegada dele ao poder, uma grande oportunidade de mudanças substantivas, mas não perdemos a possibilidade para sempre, das mudanças que tanto sonhamos e precisamos. Paulo dizia, “o povo tem que tomar o poder, mas mudar o poder, não continuar como vem sendo”, essa era a grande esperança de Paulo...., que foi adiada! Reencontraremos, certamente, o nosso caminho, o nosso endereço.

Eu venho afirmando que Lula chegou ao poder -- frei Betto também escreveu sobre isso --- que foi eleito Presidente, porque Paulo foi um cara que lutou pela participação popular, por mais de meio século. Paulo lutou para que os das classes dominadas, para aqueles antes apenas “subalternos”, os oprimidos tivessem voz. Ter voz é biografar-se na história. Quando você fala, você expressa a sua vontade, seus sonhos e suas aspirações, você passa a ser um **sujeito da história**. Se você só se submete e nunca expressa sua vontade, seu desejo, o seu sonho você fica fora da

história, você fica só um objeto manipulado. E foi Paulo quem deu a grande contribuição, não foi só ele, mas foi ele quem deu com sua contribuição lúcida e eficaz a possibilidade para que as classes populares se levantassem, tivessem e tenham voz e digam o que querem e lutem para sua participação como sujeitos políticos nos destinos da nação. Não tenho a menor dúvida, um dos principais mentores da democracia brasileira, mesmo que ainda tão frágil, foi Paulo.

P-No livro *Ação Cultural para a Liberdade* (1982) pg. 49, Freire diz: “Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”. O que a senhora acrescentaria a esta fala de Freire, porquê?

R-Até hoje eu não consegui acrescentar nada a Paulo!!! Imagine que ele disse isso em 1970 quando vivia nos EEUU.....já se passaram mais de 30 anos que Paulo escreveu isso... mais de um quarto de século, e a gente vê, constata que não tem o que acrescentar.

Eu poderia falar um pouco do que Paulo falou sobre esta questão do diálogo. Quando ele fala do diálogo, o diálogo autêntico, porque o diálogo muitas vezes é confundido com bate-papo, diálogo para Paulo era, é, a estratégia para se chegar ao conhecimento, com amorosidade. As táticas que são os caminhos que culminam na estratégia de apropriarmo-nos do objeto do conhecimento pode se dar de formas

diferentes de diálogos, mas sempre negadora da “educação bancária”. Quando eu estou dialogando com você, Márcia, aparentemente só eu estou falando, mas, você já me deu algo escrito, um texto seu escrito, você está me olhando de uma maneira que me estimula a pensar e você acompanha o meu pensamento, assim, desta maneira está havendo um diálogo. É a tática que nós estabelecemos para você saber algumas coisas sobre Paulo, meu marido. Então, o diálogo se estabelece entre **sujeitos**, nós quatro aqui..., em torno do quê? De um **objeto** que pode ser conhecido, de um objeto cognoscível como Paulo dizia, de alguma coisa que pode ser conhecida. E nós aqui e agora, hoje, estamos procurando desvelar o mais possível, saber sobre aquilo que Paulo disse antes de 1982, pois este é apenas o ano de uma publicação desse livro no Brasil.

Então diálogo é isso, é uma leitura crítica do mundo a partir da qual nós buscamos, e somos capazes disso, de nos apropriarmos do **objeto** que a gente quer conhecer, No momento em que eu apreendo verdadeiramente, autenticamente eu aprendo, esse é o processo cognitivo como Paulo compreendeu. Essa triangulação entre sujeitos cognoscentes e objetos cognoscíveis foi o que revolucionou o mundo todo quando ele escreveu sobre isso na *Pedagogia do Oprimido*. Por que? Porque ele interpôs um terceiro componente nessa relação como condição para o saber. Porque o que se fazia até então no mundo inteiro era a “educação bancária”, isto é decorar e repetir sem pensar, sem se envolver criticamente no seu processo de aprendizagem relacionado com o mundo real.

Realmente, não havia a prática no ato de estudar/aprender, do diálogo. O professor ou a professora vinha e ainda prioritariamente vem, e despeja nos alunos/as

considerados/as “cabeças vazias”, o conteúdo que ele ou ela tinham escolhido para “ensinar”, isto é para depositar mecanicamente nas cabeças dos que nada sabem o que ele e ela sabem!!!!.

Paulo dizia, alertava, a gente só aprende pela pergunta, pelo questionamento, pela dúvida, o professor diz “olha o conteúdo que eu vou ensinar é este.... vocês vão decorar e eu vou perguntar depois”...Essa é a verdadeira educação bancária, é a que nega o diálogo, porque no diálogo quando o professor já sabe, ele estabelece uma relação na qual ele aprende mais, porque ele aprende com o aluno. Com a dúvida, com o olhar, com o questionamento do aluno. No próprio ato de falar, de dar a sua aula ele vai revendo aquilo que ele sabe e o que ele não sabe, então este é um momento em que o aluno ensina ao professor no ato do professor ensiná-lo. Este é o momento, pois, que ele aprende e re-aprende.

O que existe, então, na educação libertadora é essa troca na relação dialética que se estabelece entre aluno/professor, que na educação tradicional bancária não existe.

Acho que eu não acrescentei nada, mas fiz uma explicação para você....

Para Paulo aprender não é memorizar palavras, sílabas ou frases, mas refletir criticamente sobre o processo de ler e escrever palavras e o mundo, num processo ininterrupto que envolve subjetividades e objetividades.

Quando Paulo estava no MCP -Movimento Cultura Popular- ainda vivendo no Brasil, o primeiro entre outros importantes movimentos de caráter popular, surgidos nos anos 1960, Paulo saiu do departamento de alfabetização porque não concordou com o

uso de cartilhas elaboradas longe dos alfabetizandos/as. Norma Coelho (que era a mulher do Germano Coelho, presidente do MCP) entendia esse ato diferentemente de Paulo e chegou a produzir uma cartilha muito bonita, que procurava o mais possível ir ao encontro dos alunos/as. Mas, mesmo assim Paulo não concordou: “Eu não posso entender que devamos alfabetizar através de cartilha elaborada por quem já sabe o que vai ensinar para quem não sabe. O saber se constitui na relação de quem não sabe com quem sabe, na busca de desvelar o objeto, a palavra escrita. É nesta relação de troca que nós podemos ir aprendendo, então, isso é o diálogo do eu-tu em torno do que conhecer. Do que queremos e ou precisamos saber”.

Desde o princípio Paulo dizia que o processo de alfabetizar-se não poderia ser o de memorizar palavras, sílabas e frases, mas é o de refletir criticamente sobre o caminho cognoscente de ler e escrever a palavra lendo o mundo: porquê eu quero ler?, quando eu vou ler?, por que eu não sabia ler? a quem favorecia eu não saber ler? A favor de que e de quem eu aprendo a ler? Estas são as grandes perguntas que Paulo se fez e nos estimulou a fazer.

No fundo é isso, Paulo sempre dizia a gente tem que ir ao âmago da questão perguntando ao objeto que queremos desvelar, sobre o qual incide a nossa curiosidade epistemológica: por que? Contra que? Contra quem? A favor de que? A favor de quem? Quando? Como? São essas as perguntas que se faz num diálogo autêntico à procura do saber verdadeiro.

P-Para a educação de um modo geral, o que representa hoje o pensamento e a obra de Paulo Freire? A educação que temos hoje, de alguma maneira reflete a pedagogia freireana?

R-Não, não reflete. Eu só vou pedir um favor, quando você escrever, escreva freireana, porque foi uma briga, demorou alguns anos, vou lhe dizer porquê. Porque logo que eu comecei a escrever sobre Paulo, logo depois que nos casamos, aliás eu já escrevia mesmo antes de me casar com ele, eu escrevia freireano com **e**. Quando me casei com Paulo tinha a história do freiriano, todo mundo escrevia freiriano com **i**. Uma secretária que trabalhava com Paulo me disse um dia; “Nita, é freiriano, a língua portuguesa faz mudar a letra quando adjetivamos o substantivo. Assim, você tem que passar o **e** para o **i**”. Daí, perguntei a Paulo, e ele me disse: “Essas coisas a gente não vai atrás de regra, não”, Eu nunca escrevi freiriano, acho que deve ser freireano, Freire é com **e**, assim deve ser freireano....

Respondendo o mais importante dessa sua questão: infelizmente, a política educacional hoje no Brasil não segue o pensamento ético-político-conscientizador da proposta freireana, exatamente pela radicalidade dessa proposta. Hoje, nos tempos do neoliberalismo e da globalização da economia e da ética do mercado não há lugar para o pensar certo, para a ética humanista de Paulo. Substituiu-se o **formar** pelo **treinar**, o **ser** pelo **ter**,....A pós-modernidade reacionária vem tentando enterrar o humanismo contido tanto no pensamento pedagógico de Paulo quanto em outros ainda vivos.!

P- Quais ensinamentos a senhora guardou do educador e do homem Paulo Freire?

R-Olha eu guardei e guardo e tenho muita coisa comigo que aprendi com Paulo, muita coisa, fica até difícil de saber o tanto que eu absorvi de Paulo, como eu absorvi.... Então eu vou dizer um pouquinho sobre minha relação com Paulo.....

Eu conheci Paulo quando tinha três anos de idade, quando o pai dele já tinha morrido há alguns anos e a mãe dele procurava uma escola para ele cursar o nível secundário. Na época Paulo tinha terminado o curso primário escrevendo rato com dois erres ...

A família ainda com o pai de Paulo vivo, tinha se mudado de Recife para Jaboatão, que é um município do grande Recife, que naquele tempo era distante 18 quilômetros pela estrada de ferro da companhia inglesa Great Western. Mudaram-se, Paulo dizia, que mudaram-se porque achavam que iam fazer um milagre: de pobre ficariam menos pobre indo para uma cidade pobre...Ficaram na penúria, foram perdendo tudo...

Paulo relembra com tristeza: " eu e meus irmãos fomos obrigados a fazer incursões nos quintais alheios", eu conto isso no meu livro *Nita e Paulo: crônicas de amor*. O senhor e toda a sua família, dessa casa mais freqüentada pelos meninos Freire, poucos meses antes de Paulo morrer, fez em sua casa, perto de nosso apartamento na praia de Piedade, uma festa linda pra gente, e falou de tudo menos que o Paulo entrava no quintal dele pra pegar frutas. Naquele tempo se via isso como uma necessidade, uma estripulia de criança e não como um crime. Ademais, Paulo e os irmãos eram filhos de um capitão da polícia militar e a família não era negra. Não podiam dizer de "roubos de brancos", isso não fazia parte da cultura discriminatória brasileira. Menos ainda poderiam dizer "esse neguinho safado, filho do operário que entrou aqui para roubar", eles eram brancos ...Então, foram perdoados, e foi nessa época, que a mãe começou a procurar escola para Paulo. --- o irmão mais velho que nunca quis estudar arranjou um pequeno emprego na Prefeitura, outro entrou como

soldado do exército, a irmã estudava na Escola Normal e Paulo, que era o mais novo, queria muito estudar. Vocês imaginam o quanto tinha de potencial dele abafado, sufocado, amofinado; e ela, sua mãe, vai procurar escolas de padre, pois naquele tempo era comum escolas de padres para os homens e de freira para as meninas, mas havia também alguns colégios seculares. Um desses poucos era do meu pai, mas Dona Tudinha nem sabia que existia esse colégio. Assim, ela vai a todos os colégios de padre, e todos diziam “sem pagar não é possível”...., até um dia que ela não querendo mais ir ao Recife procurar escola para o filho atendeu ao pedido insistente de Paulo e foi....Ela foi, creio eu, porque ela sabia, ela tinha uma intuição que Paulo era uma pessoa diferenciada, que ele merecia uma ida dela pela última vez , mesmo com a certeza de que “esse dinheirinho do trem vai fazer falta ao orçamento familiar”

Dona Tudinha andava pelas ruas do Recife, com uma vaga esperança, talvez muito desesperançada, quando ela vê uma placa “Colégio Osvaldo Cruz”. Ela entra e pede para falar com o diretor, ele a atende. Ele era o meu pai! “Pois não, pois não, o que a senhora deseja? “. Ela respondeu: “Eu queria gratuidade de ensino para um filho meu”...Nem se dizia bolsa de estudos....Aí meu pai, imediatamente, disse-lhe: “Senhora, olha, eu dou os estudos a ele, mas eu tenho uma condição, é que ele queira ser estudioso” Ela respondeu: “É tudo o que ele quer”. Isso foi nos fins de 1936, eu tinha três anos, e em 37 Paulo entra para fazer o segundo ano do curso fundamental, que corresponde ao ginásial, a sexta série hoje do ensino fundamental quando Paulo já tinha quase dezessete anos.

Assim, começou a freqüentar o COC cheio de medos e receios. Paulo usava calça curta, pois a mãe dele comprava retalhinhos baratos que não davam para fazer

calça comprida, e como ele era muito magro e se achava “de pernas finas, feio de cara e anguloso com ossos pontiagudos”, ele tinha muita vergonha de seu corpo ...de sua aparência.

Essa coisa de estética, de ter que usar calças curtas sempre pegou Paulo...ah, lembrei-me de dois fatos muito engraçados. Uma vez comprei um short no Recife pra ele e ele reagiu: “Eu não vou sair deste jeito ridículo”...Tempos depois a gente estava em Boston e fazia um calor de 42, 43 graus, aí o meu netinho que era louco por Paulo, dando uma mão pra ele e a outra para meu filho, o pai dele, ---- o meu filho tem uma lapa de perna....., porque joga futebol, corre todo dia --- aí vejo meu netinho André olhando para um lado e para o outro, e de repente diz:: “ Paulo, você tem a perna fina demais!!!” Esse foi o batismo de fogo, era tudo o que Paulo teve medo de ouvir durante a vida toda e a ingenuidade e espontaneidade de meu netinho falou, benzeu....Aí acabou por completo aquele medo das pernas finas e angulosas....Paulo findou sua vida gostando de seu corpo...eu dizia a ele: “Se achando bonito, hein?”.

Como a casa onde nós vivíamos nos anos 1940 era em frente, na mesma rua, do outro lado da calçada, bastava atravessar a rua Dom Bosco....de um lado a casa da gente, no. 1002, e, do outro lado, o colégio, 1013, era só atravessar a rua.... Nessa época Paulo foi uma presença viva na minha primeira família.

Eu continuei tendo contato com Paulo porque ele freqüentava assiduamente a casa de meus pais mesmo depois que acabou seus estudos no COC.

Assim, Paulo sempre foi uma presença na minha vida....Lembro-me dele como uma presença inquieta, querendo saber sempre mais, desde muito jovem já tendo um respeito enorme pelos outros e outras...ele tinha uma maneira muito especial de falar

comigo quando eu era criança, de me responder porque eu perguntava, eu perguntava

...

Sabem aquela coisa de curiosidade excessiva? Eu perguntava muito para Paulo e ele tinha paciência, muita paciência..... respondia-me sempre. Ele foi uma pessoa muito carismática, fascinante e manso....sempre. Sempre o vi como uma pessoa diferenciada....

Então, gente, eu me lembro de Paulo desde o principio da minha vida, recordando minha vida inteira eu me lembro de Paulo... essas coisas de que eu acabei de falar são as coisas que eu guardo dele como coisas muito preciosas, e depois eu casei com ele e vivemos uma relação a mais plena de amor que pode existir.

Adulta eu me casei com Raul e vim morar em São Paulo, mas todo ano eu ia para a casa de meus pais no Recife, e Paulo ia lá, continuava a ser uma presença constante na casa de meus pais, Ai ouvia -- nessas idas, nesses encontros -- ele falar sobre os projetos educacionais dele, sobre o que ele fazia na Universidade, sobre a atuação dele no Sesi, sobre sua leitura de mundo, revolucionária porque inovadora e criativa. Eu fui acompanhando à distância tudo isso, e também a generosidade, a coerência, a solidariedade, que, crescia cada dia mais, nele....

Paulo foi o homem que foi me esperar no aeroporto quando um irmão meu morreu de um tiro..... Meu irmão foi à guerra do Congo Belga, na África, porque ele era oficial da Aeronáutica e tinha voltado há três meses, quando foi a Fortaleza ser padrinho de uma turma de oficiais da mesma farda. Ele chega às 4 da tarde e às 10 da noite ele recebe um tiro de um delegado de polícia. Na ocasião foi informado a nós da família, que tinha sido um tiro casual que o cara estava dando tiro para tudo quanto era

lado, mas depois, recentemente, soubemos que o delegado odiava pessoas fardadas. Essa foi uma tragédia realmente para a família. Ele tinha pouco mais de 30 anos e tinha sido eleito o melhor piloto de caça do Brasil. Ele tinha toda uma vida à frente e foi minado loucamente, injustamente por um delegado de polícia de Fortaleza. É engraçado, as pessoas que me fazem muito mal, eu esqueço o nome, eu não sei quem é esta pessoa, ele pode morar até aqui no prédio onde vivo, e eu não sei quem é ele. E Paulo [Freire] foi a pessoa que foi me esperar no aeroporto, que me levou até a casa de meus pais, que ficou a noite inteira lá com a família e depois, segundo meu irmão mais moço me contou, ele visitou meu papai e minha mamãe durante 365 dias consecutivos, todos os dias até completar um ano da morte de meu irmão. Ele saía do Sesi, ou ia para casa e passava antes lá ou quando ele dava aula na Faculdade de Filosofia em frente da casa de meus pais, ele vinha, jantava com meus pais e ia dar aula.

Paulo foi uma pessoa que emprestava sua solidariedade, amorosidade de uma forma muito pouco vista. Ele era uma pessoa que tinha uma interioridade generosa, um senso de gratidão por tudo o que ele tinha recebido durante a sua vida, muito forte. Ele teve uma gratidão muito grande com relação aos meus pais pela oportunidade que eles lhe deram de estudar. Sem eles Paulo dificilmente teria freqüentado uma escola.

Num depoimento que Paulo deu no Museu da Pessoa, ele disse mais ou menos isso: “Olha eu sou muito grato a Nita, porque Nita me tirou de uma depressão, de um sentimento de que eu não via mais sentido na vida, totalmente desesperançado e ela me deu o gosto pela vida. Agora não ficaria só na gratidão porque aí não teria graça, casar só por gratidão, ou ter a gratidão depois que me casei...Não, eu a amo profundamente”

Eu aprendi com Paulo muito também desses sentimentos mais nobres, ou melhor, eu os venho aperfeiçoando em mim, pois tudo isso eu já tinha aprendido com meu pai. Ele foi também uma pessoa absolutamente diferenciada, em Recife, em Pernambuco..... até hoje você fala em Aluizio Pessoa de Araújo, todo mundo tem uma referência da altivez dele, da generosidade, dos princípios éticos seguidos à risca, e eu tive isso no meu primeiro casamento também. Mas com Paulo muito mais claramente determinado a ser uma presença ética no mundo. Ele dizia sempre “eu não vim pra enfeiar o mundo”---, com isto ele queria dizer que devemos ter a ética junto com a estética. Juntas significavam para ele que não devemos vir ao mundo para fazer atos de corrupção, corromper outros, destruir, minimizar, empobrecer os outros/as, oprimir, excluir, desrespeitar, enfeiar a vida dos outros ou não ser tolerante. Pessoas que são antiéticas são pessoas que estão enfeitando o mundo.

Então, vejam, esse conceito de ética e estética imbricadas uma com a outra, Paulo a praticava, vivia, aprendi muito disso com ele, aprendi muito com a coerência de Paulo --- isso não quer dizer que eu não fosse coerente com relação ao que eu sentia sobre as pessoas e as situações e fatos, mas, com Paulo eu tive mais certeza daquilo que a gente quer ser, de como me comportar nas situações mais complicadas e constrangedoras com compostura ética.

Paulo tinha mais prudência, eu não tenho a prudência que Paulo tinha. Ele dizia coisas certas no momento certo com mais adequação e eficiência. Por exemplo, Paulo dizia e escreveu: “Vamos ter cuidado com a palavra, porque a palavra gera ação, implica a prática do dito”. Vou dar um exemplo, em 1964 quando houve o Golpe Militar, não estou dizendo como também Paulo não disse que foi por causa disso, mas também

pesou na decisão do golpe a palavra descontrolada, a palavra irresponsável, a palavra desmedida. Eu não me lembro exatamente agora, mas se dizia aqui no Brasil mais ou menos assim: “Nós vamos matar todos os governantes, todos os burgueses e em cada poste colocar a cabeça de um ou uma...” Aí Paulo dizia: “Não me chamem para essa tarefa ...eu não mato, não sei matar e nem quero aprender a matar e, rapaz, vem cá, mocinho...”. A quem quer que fosse continuava dissuadindo. “você acha que a gente pode matar um, dois...cem? O segundo você já não mata, já nos pegaram e já estão nos matando....Então essa palavra descontrolada, incontida não leva a bom resultado. A pessoa tem que ter cuidado naquilo que vai dizer. Tem que discernir antes de pronunciar a palavra, para que a palavra seja a palavra certa!

A tolerância de Paulo com a fragilidade dos outros foi enorme. Eu digo até na biografia que escrevi dele, que ele foi tão tolerante com a fragilidade alheia, e dele mesmo, por conseqüência, que por isso hoje eu pago caro (risos) pelas condescendências que ele fez...às fragilidades alheias.

Ele me disse algumas vezes: “Nitinha, tenha mais paciência, seja mais tolerante...” Eu respondia: “Mas isto está errado, está errado, não pode ser assim e fulano faz isso que não pode, fulana de tal, tal, e ,,”Ele me retrucava: “Nitinha, tenha mais condescência com a fragilidade dos outros e das outras...”. Na verdade, eu acho que Paulo foi muito condescendente, talvez demasiadamente condescendente...

Paulo foi um homem aberto, sem discriminações de qualquer espécie. Ele conversava com pessoas de qualquer nível intelectual, numa boa, entendem? Ele não achava que estava perdendo seu tempo, nem comentava nada que diminuísse o outro/a, nem dizia “ que coisa horrível ele disse”, “fulano pensa menos que cicrano...ou

menos do que eu”, nada disso existia em Paulo. Então ele tinha uma capacidade incrível de tolerar as pessoas diferentes, de respeitar todas as pessoas..

Realmente eu acho que precisamos todos e todas fazer em nós mesmos a educação que Paulo fez nele próprio durante toda sua vida: a do aperfeiçoamento das virtudes. Ele foi aperfeiçoando, passo a passo, dia a dia, as suas virtudes. Que virtudes são essas? Amorosidade, paciência, tolerância, coerência, dadivosidade, compromisso com o outro, respeito pelo outro. Generosidade! Paulo foi extremamente generoso, sua obra é uma prova disso!

Então, essas foram as coisas de Paulo que mais me marcaram na minha relação de mulher com ele, e que está dentro da obra dele, diante de sua coerência. Paulo não foi um intelectual do qual se pode dizer que não ensinava o pulo do gato..que muita gente esconde, não é? Paulo mostrou, expôs, quis convencer sobre tudo o que ele pensava, procurando, cada vez mais, ser coerente com o que ele vivia e escrevia. Entre o que ele pensava, sentia, escrevia e fazia, não é? Essa coerência Paulo mostrou a cada passo de sua vida.....

Já falei um bocado, né? (risos). Porque quando você diz, Márcia, Paulo foi um grande mestre, não só pelo que ele conheceu cientificamente, filosoficamente e nos ofereceu. Acrescento que ele foi um mestre de como a vida vale a pena ser vivida quando ela se destina a um bem comum, à felicidade maior possível daqueles que o cercam, de todas as pessoas do mundo....., enfim, à promoção das vidas!

É por isso tudo que o filósofo Enrique Dussel disse: “Paulo foi o educador da consciência ético-crítica”, pois ele criou uma nova ética, a ética da vida e a ofereceu a

nós em sua pedagogia. Ênfatizo: o que valia para Paulo era a vida, a vida vivida com dignidade, com ética.

Eu até queria concluir aqui, mas vou contar uma história que eu vivi com ele por que a acho muito impressionante. Paulo tinha uma paciência de ouvir, de escutar todas as pessoas até o fim de suas falas. Num dia eu contei a ele que tinha assistido um filme, um filme francês, um filme de vinte e tantos anos atrás, acho que é “Um homem e uma mulher”, um filme belíssimo. Ele não tinha assistido, aí eu lhe contei: “Olha, Paulo, tem um momento em que a mulher pergunta ao homem “quem você salvaria no caso de um incêndio, um gato, ou uma tela de Rembrandt, de Van Gogh, sei lá,.... fui citando os grandes pintores”. Aí antes que eu acabasse de contar todo o diálogo, a história, Paulo diz com voz entusiasmada: “Eu salvaria o gato, Nita” (risos). Então foi a primeira vez que eu ouvi e possivelmente a única, em que Paulo não esperasse que você acabasse de dizer o que você queria dizer, e interrompesse para dizer a sua palavra. Aí eu disse: “Mas Paulo, um gato?, mesmo um gato rabugento e imundo desses que tem aí pela rua? “. Ele respondeu: “Nita não importa, qual gato, eu salvaria o gato”. Continuei: “Mesmo uma tela de Rembrandt de um milhão, dois milhões de dólares, sei lá...uma fortuna?”. “Não importa! Eu salvaria o gato, porque o gato tem vida e o quadro não!!! Não é?” E aí eu disse: “Paulo, comigo seria diferente eu salvaria o quadro, não qualquer objeto, mas um quadro do Rembrandt, do Van Gogh (risos), eu não iria deixar pegar fogo” (risos).

Paulo foi assim, um homem que amou a vida, acima de tudo a vida, a dignificação dos seres, a vida para ser vivida com dignidade. A vida eticamente respeitada. É por isso que toda a compreensão da educação dele, a teoria dele--- vou

usar o verbo que ele gostava de usar, “o molhar”, né?---- era molhada dessa ética de vida.

O com o que Paulo se preocupou, em última instância, era com isso: com a dignificação do homem e da mulher. E isso é a ética pela vida, da vida!

P- Freire via a “Educação como prática da liberdade”, como isso é possível hoje?

R- Bom, a gente pode ter a nossa liberdade pelo ato, pelo processo mesmo de educarmo-nos a nós próprios e de educarmo-nos uns com os outros. O que é importante dizer também, quando eu falei na apreensão de um conceito, de um fenômeno, de um fato, de um objeto qualquer, você quando apreende, você aprende, só que isso é uma coisa que se dá ao mesmo tempo individualmente em cada sujeito, mas ele só pode se dar, porque é feito coletivamente, é feito com outros sujeitos. Então, a educação para prática da liberdade é essa, é feita com outros sujeitos, não é a educação do eremita que ta lá na caverna, trancado, só ele com ele mesmo..., não é?, Trancado, sem comunicação, sem querer dividir, sem querer compartilhar..... Então, a educação é uma prática para liberdade, porque a educação, na educação como Paulo propôs, está implícita a relação com os outros/as, conscientização, a leitura de mundo, e na conscientização quando é possível você perceber que liberdade é aquela que você só tem quando o outro também a tem. A liberdade **propalada** A liberdade propalada hoje é uma “liberdade diferente”, é a liberdade dentro da visão liberal, neoliberal: a minha liberdade acaba quando começa a do outro, não é que dizem?. Essa é uma das afirmações que leva aos grandes atos de transgressão da ética, quero dizer, é que, nessa perspectiva, se acha que para se ter liberdade se tenha que cercear a liberdade do outro! Ao contrário, Paulo dizia: “Eu tenho liberdade porque eu me faço enquanto

homem ou enquanto mulher em relação com o outro. Eu só tenho liberdade se os outros e as outras pessoas do mundo a têm.”

P- No livro “A Pedagogia do Oprimido”, (17ª ed. 1987), pg. 30, Freire diz: “A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos”. Ainda hoje poderíamos dizer que esta fala de Freire continua válida e atual?

R- Mais válida e atual do que nunca, não é? (risos) Já falamos aqui um pouco sobre isso. Paulo nos disse, mais ou menos isso: “Olha, nós somos os criadores da ética, porque com o convívio social chegamos a um ponto que nos perguntamos: isso é bom para todos? Isso não é bom para todos e todas nós? Então, estabelecemos um certo comportamento social: isso fica e isso não fica certo para um comportamento social.

No nosso milenar caminhar de fazermos-nos gente fomos nos aperfeiçoando. Veio a linguagem e com ela vêm construímos outras coisas... e a gente cria a ética. Então, porque nós criamos a ética é que nós somos capazes de transgredir a ética, não é? E transgredir a ética é exatamente isso, quer dizer, é o opressor que oprime com violência tornando o outro um Ser-Menos e a nossa vocação ontológica é ter mais, é Ser-Mais, não é? É ter mais não só no sentido de que a gente tenha mais bens materiais, é imprescindível, é necessária a vida digna, não é? E para isso a gente precisa dos bens culturais para que a gente seja livre de arbítrio total dos outros, a

gente seja livre na expressão da palavra, a gente seja livre de decidir o caminho de nossas vidas, desde que estejamos dentro dessa ética universal dos seres humanos. Isso era o que Paulo dizia: a ética que deve reger o mundo é aquela que o torne mais justo e mais bonito, menos feio e menos injusto. Paulo insistia que teria que haver uma ética universal do certo e do errado, estabelecida socialmente. Não pode ser eu faço tudo o que eu quero e desejo fazer, eu faço, eu “pinto e bordo e os outros que vão para inferno”, “eu não tenho nada a ver com os outros”, isso não é um comportamento ético, essa já é uma prática da transgressão da ética.

P- Qual o impacto do termo “conscientização” na obra de Paulo Freire?

R- Olha, esse termo conscientização quem falou pela primeira vez foi o pessoal do ISEB, sobretudo o Álvaro Vieira Pinto. Ele depois foi um amigo de Paulo, a quem Paulo conseguiu trazer, porque ele teve uma decepção, quando foi viver cheio de entusiasmo no Leste Europeu, em país da “Cortina de Ferro”. Ele tinha uma fé total no regime comunista e quando chega lá ele vê horrores que o mundo ainda não estava vendo e nem sabendo, ele cai em depressão e pede ajuda para sair. Paulo foi uma das pessoas, com outros brasileiros que viviam no Chile que levou-o para lá. Ele era médico e chegou à filosofia através do estudo da biologia. Tornou-se um grande pensador, com a ajuda inestimável de Paulo, pois, meu marido conseguiu reerguê-lo da depressão profunda.... Paulo durante meses levou para ele lápis, papel, caneta..., levava sobretudo incentivo: “Meu velho Álvaro, vamos escrever”. Conteí isso para, mais uma vez, mostrar a vocês quem foi o meu marido.....

Retomando o que estávamos falando: foi esse homem Álvaro Vieira Pinto que começou com essa história de conscientização. É uma palavra que só existe na língua

portuguesa, quem a divulgou foi Dom Helder Câmara, e quando Paulo leu de Vieira Pinto e ouviu Dom Helder falar isso, pensou: “Puxa, isso é bom demais, é uma palavra preciosa”. . E foi quem levou, vamos dizer, popularizou esta palavra na educação, porque a colocou dentro da sua teoria. Quero enfatizar que Paulo usou muito esse conceito de conscientização até quando foi sendo criticado. Diziam que Paulo era idealista. O acusavam de que ele achava que se uma pessoa dissesse “eu tenho consciência que eu sou oprimido” essa mesma pessoa se considerava livre. “Se eu tenho consciência da opressão, eu já sou livre”. E Paulo nunca disse isso, nunca pensou assim. Paulo considerava a conscientização como a tomada de consciência. Seria ter uma leitura crítica do mundo: “eu tenho consciência que sou oprimido porque eu trabalho muito e ganho pouco, o patrão é que ganha muito!” Essa é a tomada de consciência, mas a conscientização é um passo adiante, é um passo mais profundo, é quando eu reajo como **sujeito** praticando ações que possam me tirar da condição de subalternidade, de inferioridade.

Agora chamo a atenção para um a priori da teoria de Paulo, que ele já acentuou na *Pedagogia do Oprimido*: que não é trocar os pólos opressor-oprimido. Isto é, não é pensar e praticar, por exemplo: “você me oprimiu a vida inteira agora eu vou te oprimir, você vai ver como é bom, eu vou ficar por cima e tu ficas debaixo na hierarquia social, vou mandar e você tem que obedecer e se submeter....”, Paulo dizia **não** a isso.

O que nós precisamos para mudar a sociedade é que o ato de conscientização nos leve a entender que não deve haver nem mais oprimido e nem mais opressor e que ambos estejam em comunhão construindo uma sociedade mais justa e em paz.

Então, conscientização foi uma coisa que causou muito impacto, até hoje no mundo inteiro se fala Paulo Freire associado à libertação e à conscientização.

Paulo abandonou essa palavra, esse conceito porque aceitava as circunstâncias, as críticas. Pensou: eu sou teimoso, eu sou incisivo, mas até o limite em que eu vejo que aquilo não está mais chegando ao ponto estratégico que eu tenho intenção de atingir. Com o tema conscientização não é mais possível caminhar para chegar onde eu quero chegar, vou deixá-lo em “repouso”.

Vocês vêem Paulo foi tão criticado porque era muito difícil, ainda é muito difícil para povos que não pensam dialeticamente ---eu estou lendo agora a *Pedagogia da Indignação*, em inglês (*Pedagogy of indignation*) e posso constatar como é difícil para esses povos entenderem algumas questões. A língua inglesa é uma língua muito formal e a questão da dialética é muito complicada para eles, toda a estrutura mental, de organização mental do povo de primeiro mundo é perceber uma coisa atrás da outra, pai manda, filha/o obedece; uma coisa vai atrás da outra numa hierarquização linear. É uma hierarquização tal que leva a um pensamento linear. Então, a questão da conscientização nunca pode ser entendida como Paulo a propunha nos anos 60 até 80.

Vejam, quando Paulo dizia: “Eu sou pacientemente impaciente”, revidavam: “Mas como, o senhor é paciente ou impaciente?”, Paulo dizia novamente: “Eu sou pacientemente impaciente” ou “Eu sou impientemente paciente”. Isso dava “nozinho” e continua dando “nozinho”na cabeça de muita gente de lá. Não conseguem compreender isso nem um alemão, nem um inglês, nem um norte-americano, talvez nem um francês.

Ele dizia “Olha, nós temos que fazer a pergunta porque a pedagogia não pode ser a da resposta, tem que ser a pedagogia da pergunta e a gente tem que verificar quais são as relações e as condições dadas, qual a relação que eu mantenho com você, com ele, com outros, e quais as condições que a sociedade dá, essas duas categorias são imprescindíveis como análise teórica, são as relações, que, revolucionam, mudam tudo....”

A multidisciplinaridade é outra coisa que veio de Paulo, o multiculturalismo também, como Pesquisa Participante....se diz que Emilia Ferreiro é construtivista, faz favor, quando ela nasceu Paulo já era, (risos) isso faz parte do meu exagero amoroso....., mas na realidade Paulo praticou com seu “Método de Alfabetização” tanto a Pesquisa Participante quanto a construção endógena do conhecimento, mas na relação com os outros/as, ênfase, muito antes dela trabalhar com esse tema do construtivismo.

Então, voltando à questão anterior, causou um impacto enorme em Paulo as críticas sobre seu entendimento sobre a conscientização. Quando ele comprou todos esses livros que eu disse que ele tinha comprado sobre ética, ele me dizia: “Nita, eu vou escrever agora, vou voltar mais consistentemente a esse tema da conscientização”. Isso, aliás, vocês já podem perceber nos últimos escritos dele. “Vou voltar a falar em conscientização, é pena que a gente perdeu isso, mas a história é assim mesmo a gente perde... mas depois a gente recupera, agora vai ser um momento histórico de eu recuperar esse tema, vou aprofundar coisas que já disse e vou fazer a relação de ética com conscientização”.

Quer dizer Paulo queria, tinha, já estava fervilhando na cabeça dele voltar a escrever sobre conscientização.

P- Como o educando pode se apropriar do conhecimento através da leitura do mundo para a leitura da palavra?

R- É o seguinte existe uma relação estreita, radical e dialética entre leitura de mundo e leitura da palavra. Quero dizer você quando está lendo a palavra escrita você já está lendo o mundo. Você não pode separar, é uma relação, vamos dizer, é uma relação biunívoca, tem sentido de lá pra cá e de cá pra lá. No momento em que você se apropria da leitura da palavra você já está se apropriando da leitura do mundo e quando nos apropriamos da leitura crítica do mundo estamos lendo o mundo como ele está sendo. No momento em que a gente vai, depois de adulto --- o bebê não é assim, embora ele já possa ler o mundo desde que nasce. O bebê começa a ler o mundo através de que? Ele chora diferentemente para dizer "mamãe, aqui ta me doendo, eu tenho fome", o raciocínio não é exatamente esse, ele diz intuitivamente, instintivamente, é assim até que se estabeleça a relação racional, se eu choro de um determinado modo vem uma pessoa que me socorre e me dá comida, e depois ele detecta que essa pessoa é a sua mãe, normalmente é a mãe. Então ele já está fazendo uma leitura de mundo e depois já conhece a mãe e depois ele vai conhecer o pai, então esses são os primeiros passos de leitura de mundo.... depois eu já sei que se eu grito vem alguém e me acode, se eu choro muito de noite meus pais me levam pro quarto deles....Então são as leituras de mundo que você já vai fazendo desde que você está no mundo. Mesmo antes de se perceber como uma criatura no mundo. E é nessa leitura de mundo que você vai se constituindo um sujeito do mundo e quanto mais crítica a leitura de

mundo que você faz você vai se tornando um sujeito do mundo (falo agora do mundo mesmo), e **com o mundo**.

Paulo fala muito **com**, que é exatamente a questão da relação. Paulo dizia: “eu não sou apenas um sujeito **no** mundo, eu sou **do** mundo, estou **no** mundo **com** o mundo, **com** os outros e outras”. O **com** em Paulo é muito importante. É amoroso!.

Vamos ver se eu diria mais alguma coisa aqui sobre este tema....é importante dizer o seguinte: o conhecimento científico não vem somente através da leitura crítica, ele vem através da intuição, da valorização do senso comum. Paulo dizia: eu não aprendo com minha cabeça, eu aprendo com meu corpo inteiro, o meu corpo é que me diz: “põe a tua atenção racional neste fato”.Como é que o corpo diz? O corpo me diz quando diante de um fenômeno, de uma coisa qualquer, de uma cena da vida, de uma pessoa, seja o que for, quando alguma coisa no mundo me põe em taquicardia, me põe de pêlos arrepiados, me põe olhando sem cessar e pensando sem parar naquilo....Então “aquilo” está me dizendo que eu tenho que pensar cientificamente, criticamente. Quando o povo me diz uma coisa eu tenho que ver que aquela intuição dele, aquele insight do povo deve ter alguma coisa de verdade, então eu vou incidir o meu pensamento racional sobre o dito e vou verificar se aquilo que a prática dizia Paulo, realmente é um conhecimento que pode ser científico, pensando, refletindo dentro de parâmetros teóricos e aí eu volto pra dizer: “tu tens razão ou tu não tens razão” Esse movimento é um movimento que também na Academia é muito rejeitado.... vocês podem ver: os grandes filósofos aí ...pelo mundo, pensam o que o outro filósofo pensou, Zezinho pensou, Manoelzinho pensou e vai assim, vem sendo assim, e Paulo acabou um pouco, talvez muito com isso. Ele dizia “o que me diz o que pensar é a

prática, é a vida cotidiana, são as coisas que acontecem no todo-dia, porque foi assim no tempo de Platão.... vamos pensar o que é o homem? O homem morre? Reencarna? Tem alma, não tem? Quer dizer é a concretude da vida: nossos medos, nossos desejos, nossas aspirações e sonhos que devem nos levar às reflexões. Paulo partiu sempre dos fatos da vida, da intuição, das obviedades.

Uma vez Augusto Boal fez em um discurso --- quando Paulo recebeu uma homenagem que ele promoveu na Câmara Municipal do Rio de Janeiro --- dizendo que os grandes pensadores são aqueles que pensam o óbvio; que assim tinha sido com a teoria revolucionária Galileu Galilei, de Newton, que pensaram a partir do óbvio. Newton ficou encucado “que negócio é esse, se eu solto a maçã ela cai, em qualquer lugar que eu esteja a maçã cai, ninguém vai pensar nisso”? É o óbvio, a maçã cai, qualquer objeto cai, então eu vou pensar porque tem alguma coisa que está “escondendo” essa obviedade, aí vai e vê o quê é: é a atração para o centro da terra. Ele descobriu a lei da gravidade através do óbvio, que era constatado por todo mundo, mas ninguém tinha pensado.... Paulo Freire fez o mesmo. Paulo pensava o óbvio, sobre o que ele vivia, via e observava. Outros filósofos não sabendo fazer isso --- eu digo isso até, talvez, um pouco perversamente --- não sabendo fazer isso, achavam que Paulo fazendo isso era bobeira, era valorizar o senso comum. Paulo dizia: “ninguém me prova, ninguém me diz que o mundo começou com o conhecimento científico, a ciência foi consequência do senso comum elaborado, sistematizado”. Então, esse é o processo natural de aquisição do conhecimento: partir do observável, do senso comum, daquilo que a gente diz, do que a gente pensa: é capaz de ser, será que é? Será que não é?.

São dessas coisas que a gente parte para incidir uma reflexão metódica e vai ver se é ou se não é Verdade a nossa intuição.

Então, para Paulo, deveríamos partir não somente do consagrado pelas ciências ou pela filosofia, mas também das coisas simples observáveis, do pêlo arrepiado, do coração batendo, porque o corpo consciente nos diz se nossa intuição deve ser levada a sério ou não...

Paulo dizia: “Olha, Nita, minha intuição nunca me deixou no meio do caminho, nunca! Quando eu tinha ou tenho uma intuição sobre alguma coisa eu fui ou vou procurar a Verdade e consegui encontrar justificativa científica dessa coisa que meus pelos arrepiados me disseram.”

Eu acho isso importante, a intuição vinha sendo uma coisa pouco valorizada, mas agora tem um cientista de uma universidade dos Estados Unidos, que é um português, que está estudando essas coisas. O que a amorosidade produz para o ato de conhecer? O que o sentir é responsável pelo pensar?

Paulo foi um homem que ficava pensando nas nuvens, olhando, observando....., ele gostava disso; “Olha, Nita, aquela nuvem não parece um carneiro? Aquela outra o pastor?” Ele ficava naquela criatividade infantil fazendo interpretações, dando vazão à sua capacidade de inventar, de criar a partir das coisas mais simples. E isso é ótimo para a criatividade, que, em geral a Academia tira, condena essa possibilidade, “pregando” mais ou menos assim: “Olha que bobão, como perde tempo aquele sujeito....”, não é mesmo assim que se portam “os verdadeiros acadêmicos”? E Paulo fazia muito isso...absorto nas coisas simples.... “quem me diz que olhando a lua e

achando a lua bonita, ficando emocionado, romântico, eu penso pior, penso menos rigorosamente?”

Lembro-me de quando uma vez em que estávamos nos Estados Unidos, e sempre assim de noite tem um jantar, principalmente em universidades do interior, de cidades pequenas, na casa do chefão, do diretor. Quando a gente se levanta para se servir da comida ao voltar os estudantes universitários, que são os que trabalham na casa da diretora ou do diretor da faculdade, está tudo arrumado como sala de aula, aquela coisa de cadeira atrás da outra...

Em, aí uma professora perguntou, porque lá não perdoam, o capitalismo suga a gente até a última gota, pois Paulo já tinha trabalhado de manhã, de tarde, no fim da tarde, e agora de noite estava no 4^o. turno..... Eles tinham deixado apenas duas poltronas de frente para a platéia de “alunos/as”, isto é os professores/as da universidade ---- quando então depois de algumas perguntas uma professora o inquiriu: “ Professor Freire, como é que o senhor um homem tão importante, tão famoso está falando de filosofia, de ciência, de educação de mão dada com sua mulher?”. Paulo disse: “Olhe, é tão simples, primeiro, ela é minha mulher porque eu sou o marido dela; segundo, você acha que eu estou menos rigoroso de mão dada com ela do que eu fui de tarde, de manhã? Não? Eu mesmo acho que não! Então, eu vou continuar de mãos dadas com ela!”

Gente foi ótimo porque Paulo foi aplaudidíssimo e acabou o seminário. (risos).

Enfim, Paulo nunca dicotomizou o sentir do pensar.

P-O legado de Paulo Freire é concreto e atingível em toda a sua obra ou em determinadas circunstâncias é uma metodologia difícil de ser aplicada em sua essência? E hoje o que representa a obra de Paulo Freire para a alfabetização de jovens e adultos no atual contexto político e pedagógico no Brasil e no mundo?

R- Essa aqui são duas perguntas, eu acho que a metodologia de Paulo não é difícil, embora muitas vezes tem textos de Paulo que são difíceis de ler. A *Pedagogia do oprimido* é muito difícil. Agora mesmo eu estou lendo em inglês e o meu professor de inglês vai conferindo, eu vou lendo e vou traduzindo e ele fica com o texto em português, aí tem horas que ele diz: “Nita, espera aí um pouco, deixa-me ver se o tradutor traduziu certo antes entendendo certo em português!”. Nessa última aula ele me disse: “Que coisa difícil de entender essa linguagem rigorosa a primeira vez que lemos Paulo!”. Mas de um modo geral é fácil de entender Paulo. De você, com certo grau de conhecimento, entendê-lo. Às vezes um aluno de ginásio o entende, às vezes, não.

É engraçado, uma vez nos Estados Unidos, uma moça nos disse: “Olha, Paulo e Nita, eu não freqüentei a escola (nos Estados Unidos é assim, não é obrigatória a escola), mas minha mãe é uma professora universitária e quando ela leu *Pedagogia do oprimido*, me disse: Eu vou te alfabetizar, com esse livro” . Ela diz que entendeu absolutamente tudo porque ela se identificou com a opressão, com a manipulação... Paulo também contava que qualquer negro dos Estados Unidos quando o lê, o entende. “Para um branco se torna mais difícil de me entender”. Isto quer dizer, que, se o seu corpo está e sua mente também está interessada, voltada para aquilo que lê, que quer a explicação, é mais fácil entender o escrito de qualquer autor.

P- Se tudo o que Paulo falou é algo possível de se concretizar ou em algumas partes fica mais difícil de na prática se desenvolver?

R- É, no fundo tem os empecilhos éticos, políticos que a organização social faz, que o capitalismo prega veementemente e impõe com força a todo o mundo, a todas as pessoas. Negam, portanto o pensamento de Paulo, que é um pensamento utópico, radical, revolucionário, radicalmente humanista. Sua proposta é a proposta de uma sociedade dos Seres-Mais, a que respeita as diferenças, mas não hierarquiza as pessoas, nem os conhecimentos. E o capitalismo faz exatamente o contrário, quer perpetuar os Seres-Menos, como Paulo nomeou.

P- Quando falamos de pessoas adultas que não tiveram oportunidade de estudos na idade certa, e depois voltam a estudar, verificamos que essas pessoas têm uma vivência rica, ou seja, dentro do pensamento de Freire possuem “a leitura de mundo, mas não a leitura da palavra”, dentro dessa idéia de Freire o que a senhora acrescentaria a esse respeito?

R- Eu não acrescento nada. (risos).

Muito obrigada, professora, por nos conceder essa entrevista.

ANEXO A - ATA DE CONSTITUIÇÃO DO PROGRAMA SOROCABA E REGIÃO 100 ANALFABETOS:

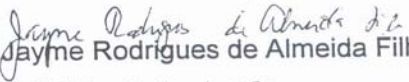


Universidade
de Sorocaba

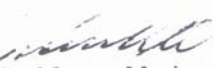
Ata de constituição do Programa de Alfabetização


Aos seis de fevereiro de mil novecentos e noventa e oito, na sala de reuniões da Reitoria, estando presentes os professores Aldo Vannucchi - Reitor, Jayme Rodrigues de Almeida Filho - Pró-Reitor de Graduação, Oswaldo Bazzo - Pró-Reitor Comunitário, Marcos de Afonso Marins - Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Wander Edmundo de Medeiros - Pró-Reitor Administrativo, foi aprovado o desenvolvimento do Programa de Alfabetização da Universidade de Sorocaba, intitulado **SOROCABA (REGIÃO) 100 ANALFABETOS**. Tal projeto terá seu início como programa de alfabetização de jovens e adultos, a partir do dia trinta e um de março do corrente. Aprovado pelos presentes supra citados, eu, secretária, Ismenia Terezinha Maluche, lavrei a presente ata, que será assinada por todos. Sorocaba, 6 de fevereiro de 1998.


Aldo Vannucchi
Reitor


Jayme Rodrigues de Almeida Filho
Pró-Reitor de Graduação


Oswaldo Bazzo
Pró-Reitor Comunitário


Marcos de Afonso Marins
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação


Wander Edmundo de Medeiros
Pró-Reitor Administrativo

Campus Trujillo - Av. General Osório, 35
Telefax 015 224-4745 Caixa Postal 578 e 587
CEP 18060-000 Sorocaba SP
E-mail: unisoi@splicenet.com.br
unisoi@splicenet.com.br

Campus Seminário - Av. Dr. Eugênio Salemo, 140
Telefax 015 221.0052 Caixa Postal 578 e 587
CEP 18035-430 Sorocaba SP
E-mail: unisoi@future.com.br
unisoi@future.com.br

ANEXO B- TERMO DE PARCERIA COM AS CIDADES:

Pelo presente instrumento, de um lado, pessoa jurídica de direito público interno, com sede na Rua....., Sorocaba/SP, inscrita no CNPJ/MF sob nº XXXXXX, a seguir denominada, neste ato, representada por seu XXXX, Sr, devidamente autorizado pela Lei e de outro lado a UNIVERSIDADE DE SOROCABA, localizada na Rodovia Raposo Tavares Km 92,5, Sorocaba/SP, mantida pela FUNDAÇÃO DOM AGUIRRE, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública, com sede na cidade de Sorocaba/SP, na Rua Pernambuco nº 70, inscrita no C.N.P.J. sob o nº 71.487.094/0001-13, doravante denominada Uniso, neste ato representada por seu Magnífico Reitor, Professor Aldo Vannucchi, na forma do artigo 15, inciso II do regimento da Universidade de Sorocaba, resolvem firmar o presente convênio, sujeitando-se às seguintes cláusulas.

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

- 1.1. Trabalhar conjuntamente em prol da alfabetização e/ou do Ensino Fundamental no local, através do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos.
- 1.2. O acompanhamento pedagógico não será remunerado, razão pela qual não haverá, pela Uniso, a prestação de contas prevista no artigo 113 da lei 8666/93 c/c artigo 86 da Lei Estadual nº 6544/89.

CLÁUSULA SEGUNDA – DAS OBRIGAÇÕES DO...

- 2.1. Contribuir com uma ajuda de custo de um salário mínimo para o (s) professor(es) voluntário(s) do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos, de acordo com Lei Federal nº 9.068, de 18 de fevereiro de 1998, do voluntariado.
- 2.2. Indicar as áreas e os locais necessários ao ministério das aulas do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos.

2.3 A Coordenação do..... e professores participantes trabalharão em consonância com a Proposta Político-Pedagógica do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos da Universidade de Sorocaba.

CLÁUSULA TERCEIRA – DAS OBRIGAÇÕES DA UNIVERSIDADE DE SOROCABA – FUNDAÇÃO DOM AGUIRRE

3.1. Efetuar o acompanhamento pedagógico do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos neste local, através de contato direto com o (a) Coordenador(a) nomeado(a).

3.2. Fornecer material de apoio pedagógico para os professores e alunos.

3.3 Oferecer formação específica aos professores do Programa.

CLÁUSULA QUARTA – DA VIGÊNCIA

4.1. Esta parceria terá vigência por prazo indeterminado, a partir da assinatura do presente Convênio.

CLÁUSULA QUINTA – DA DENÚNCIA

5.1. Esta parceria poderá ser denunciada por qualquer das partes, sem qualquer ônus, através de notificação prévia de 30 (trinta) dias .

CLÁUSULA SEXTA – DO FORO

6.1. Para solução das controvérsias oriundas da presente parceria fica eleito o foro da Comarca de Sorocaba.

E por estarem de acordo com o que versa esta Parceria, diante das testemunhas abaixo assinadas , firmam a presente em duas vias de igual teor a fim de produzir os efeitos pretendidos.

Sorocaba, _____ de _____ de _____ .

Professor Ms. Aldo Vannucchi
Reitor da Universidade de Sorocaba

Sr.
XXXXXXXX

Testemunhas (nome por extenso)

ANEXO C – CURSO DE PREPARAÇÃO PARA PROFESSORES VOLUNTÁRIOS:

No curso de preparação dos professores voluntários, interessados em ingressar no Programa, abordamos:

-a história da educação brasileira, no que se refere ao entendimento do porquê da exclusão de tantos jovens e adultos ao acesso à escolaridade básica: o estudo da história da educação brasileira possibilita compreender a problemática das políticas públicas ao longo dos anos, esclarecendo a defasagem sofrida pelo Brasil, enquanto país colonizado, escravocrata, e o envolvimento da sociedade civil na educação de jovens e adultos, hoje.

-os aspectos legais do Programa dentro das normatizações da Constituição Federal, da nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (Lei 9.394/96), do Parecer do CEE – 11/2000 e do Plano Nacional de Educação;

-estratégias de motivação: resgatar e respeitar o conhecimento de vida dos alunos, sua história ao longo dos anos, pois se constituíram socialmente, portanto, como cidadãos úteis. O professor, enquanto mediador, deve valorizar essa experiência para estimular e refletir o conteúdo.

-exercícios didático-metodológicos, abordando não apenas o conteúdo programático, mas também a transformação social nas suas bases, com o objetivo de integrar o homem/mulher à sociedade, discutindo ainda os vários métodos de alfabetização, além de uma abordagem reflexiva nas séries mais avançadas dos conteúdos trabalhados.

-preparação, execução e avaliação de aulas direcionadas para jovens e adultos, nas diversas áreas do conhecimento, a partir do cotidiano do aluno, de seu universo cultural, utilizando como material: jornais, revistas, tablóides, etc., fornecido pelo Programa. (UNISO, 2004, p. 65).

ANEXO D – PARCEIROS:**Com os professores:**

- Contamos com a participação de professores voluntários, com formação diversa. (conforme Lei Federal n.º 9.608, de 18 de fevereiro de 1998);

Com a comunidade:

- formação dos núcleos, para os quais são priorizados os locais de fácil acesso ao Jovem e Adulto trabalhador, criando maiores oportunidades, com as seguintes iniciativas da comunidade:

- levantamento das pessoas com escolaridade incompleta até a 4ª e 8ª série do Ensino Fundamental ;

- listagem de pessoas dispostas a participar do programa, cadastrando-as;

Com as Prefeituras:

- participação, estimulando e aprovando parcerias de seus municípios com a Universidade de Sorocaba, cedendo espaços nas escolas. As prefeituras de Araçoiaba da Serra, Laranjal Paulista e Tietê, viabilizam uma ajuda de custo aos professores voluntários.

Com os Diretores Escolares :

- colaboração com o programa, possibilitando a avaliação dos alunos em suas unidades escolares, emitindo documento oficial para a continuidade dos estudos de 5ª a 8ª série. Também autorizam a utilização de salas.

Com o Rotary Club Manchester:

- Em 1999, foi firmado um convênio com o Rotary Clube Manchester, de Sorocaba, que colabora mensalmente, propiciando a aquisição de material didático-pedagógico aos professores e alunos do Programa.

TERMO DE PARCERIA COM A COMUNIDADE:**PARCERIA****“PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA UNISO”****E**

DO OBJETIVO

O intuito dessa parceria é trabalhar conjuntamente, comunidade e Universidade de Sorocaba, em prol da Educação de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental.

FUNÇÕES DE CADA COLABORADOR**A Universidade colabora da seguinte maneira:**

- Através do apoio pedagógico aos núcleos, por intermédio da Equipe do Proejus – Programa de Educação de Jovens e Adultos da Uniso (Coordenação e Supervisão), doravante denominado “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”;
- Fornecimento de material de apoio ao professor e aos alunos;
- Emissão de declaração aos alunos, comprovando que o mesmo é aluno regularmente inscrito no Programa;
- intermediação com a URBES para a concessão de passe estudantil;
- realização periódica de Cursos de Capacitação, Aperfeiçoamento e Palestras para professores envolvidos no Programa.

A Comunidade colabora da seguinte maneira:

- fazer levantamentos das pessoas interessadas em participar do Programa, identificando aqueles com escolaridade incompleta até a 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental;
- articular e formar os núcleos, matriculando os alunos interessados, utilizando o termo apropriado oferecido pela secretaria do Programa e recolhendo a documentação necessária (1ª à 4ª série – cópia do RG e CPF/ 5ª à 8ª - cópia do RG e CPF mais atestado de escolaridade de 4ª série ou histórico escolar);
- oferecer espaço físico para o ministério das aulas;
- contatar pessoas dispostas em colaborar voluntariamente com o Programa, seja ministrando aulas, seja auxiliando na parte administrativa (coordenação local), cadastrando-as através dos termos de voluntariado oferecidos pela secretaria do Programa;
- organizar o núcleo, de maneira democrática, juntamente com os alunos;
- agir em harmonia com as ações solicitadas pelo Programa;
- trabalhar em consonância com a Proposta Político-Pedagógica do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos.

DO TÉRMINO

Essa parceria vigora por tempo indeterminado, podendo ser desfeita pelas partes, a qualquer momento e sem ônus, através de notificação prévia de 30 (trinta) dias.

Sorocaba, ____ de _____ de _____.

Supervisor(a) do Programa

Responsável pelo Núcleo

ANEXO E – MOBRAL:

O Movimento Brasileiro de Alfabetização, lançado pelo Governo em 1967, era a resposta do regime militar à ainda grave situação do analfabetismo no país. O Mobral constitui-se como organização autônoma em relação ao Ministério da Educação, contando com um volume significativo de recursos. Em 1969, lançou-se numa campanha massiva de alfabetização. As orientações metodológicas e os materiais didáticos do Mobral reproduziram muitos procedimentos consagrados nas experiências de inícios dos anos 60, mas esvaziando-os de todo sentido crítico e problematizador. Propunha-se a alfabetização a partir de palavras-chave, retiradas “da vida simples do povo”, mas as mensagens a elas associadas apelavam sempre ao esforço individual dos adultos analfabetos para sua integração nos benefícios de uma sociedade moderna.

Durante a década de 70, expandiu-se por todo o território nacional. Paralelamente, grupos dedicados à educação popular continuaram a realizar experiências pequenas e isoladas de alfabetização de adultos com propostas mais críticas, baseadas no Método Paulo Freire, vinculadas a movimentos populares que se organizavam em oposição à ditadura. Com a emergência dos movimentos sociais e o início da abertura política na década de 80, essas pequenas experiências foram se ampliando, construindo canais de troca de experiências, reflexão e articulação. Desacreditado nos meios políticos e educacionais, o Mobral foi extinto em 1985. (RIBEIRO, 1997, p. 27).